

**Exposições  
Exhibitions**

**Galeria  
Municipal do Porto**

**Elvira Leite**

**Kiluanji Kia  
Henda**

com/with Flávio Cardoso,  
Lillianne Kiame &  
Raul Jorge Gourgel

**Mariana Caló  
Francisco  
Queimadela**

e/and

**15.11.2025 — 15.02.2026**

**Elvira Leite**

**Aprender a ensinar, ensinar a aprender**

**2**

**Learning to teach, teaching to learn**

**10**

**Kiluanji Kia Henda**

**com/with Flávio Cardoso, Lilianne Kiame  
& Raul Jorge Gourgel**

**Recursões: uma cartografia de territórios inacabados**

**16**

**Recursions: a cartography of unfinished grounds**

**30**

**Mariana Caló**

**e/and Francisco Queimadela**

**Estado de espírito**

**44**

**State of spirit**

**54**

# **Aprender a ensinar, ensinar a aprender**

Curadoria **Matilde Seabra**

**Elvira  
Leite**

Ao longo de mais de seis décadas, o percurso de Elvira Leite tem-se desdobrado entre a pedagogia e a prática artística. **Aprender a ensinar, ensinar a aprender** é a primeira apresentação institucional do trabalho desta figura essencial da arte contemporânea portuguesa.

A exposição organiza-se em dois tempos: uma mostra de pinturas raramente vistas e uma recriação do seu atelier. O primeiro momento agrupa trabalhos de início de carreira em diálogo com uma seleção de obras recentes e inéditas, estabelecendo um diálogo entre figuração e abstração. O segundo momento transforma a galeria em um espaço onde “se brinca” espacialmente com as geometrias, formas e desenhos dos seus *livros-jogo*, albergando também o seu arquivo, incluindo cartas, fotografias e objetos.

Ao propor um encontro com esta prática híbrida, **Aprender a ensinar, ensinar a aprender** revela o universo singular de Elvira Leite, uma pintora radiante e figura incontornável na reinvenção do ensino das artes em Portugal.

### **Programa Público**

15.11.2025 — 17:00

#### **Inauguração**

13.12.2025 — 15:00

#### **Visita Guiada**

com Lúcia Almeida Matos

16.12.2025 — 16.01.2026

#### **Oficinas**

#### **O Espaço Entre**

com Cristina Camargo, equipas de mediação  
BOA Arts, PING!/GMP, Bibliotecas Municipais do Porto

07.02.2026 — 10:00 — 17:00

#### **Seminário**

#### **Pensar o educativo e o artístico a partir de Elvira Leite**

com Amanda Midori, Cat Martins, Joaquim Azevedo,  
Maria João Vicente, Matilde Seabra, Milice Ribeiro dos Santos,  
Sofia Victorino, Plano Nacional das Artes e Escola Imaxinada

#### **Visitas Guiadas**

06.12.2025 + 03.01.2026 + 07.02.2026

(sábado) — 15:00



# Aprender a ensinar, ensinar a aprender com Elvira Leite<sup>1</sup>

Esta é uma exposição embrulhada pela pintura, contemplando dois momentos aparentemente iguais, o de abertura e o de encerramento, nos quais se podem ver as obras da artista Elvira Leite.

A palavra *embrulho* suscita algo que está no interior, protegido ou escondido, e convoca as memórias de abrir um presente ou de tirar um jogo da caixa. Esta exposição quer fazer isso tudo, *embrulhar*, *desembrulhar* para voltar a *embrulhar*: de dezembro a janeiro, a meio do tempo, a exposição transforma-se num atelier, com propostas de oficinas criativas para toda as pessoas participarem. Intitulado *Espaço Entre* estará aberto com uma programação orientada por Cristina Camargo do BOA Arts, pelas equipas de mediação do ping! e das Bibliotecas Municipais do Porto, inspirado nas propostas artísticas e lúdicas concebidas por Elvira Leite com outras autoras, artistas e designers.

Ao longo de quase um ano, habitámos a casa e o atelier de Elvira Leite. Se a casa por si só já é um lugar acolhedor, as mãos da artista convidam-nos a entrar e a irmos mais fundo, apontando para fotografias, obras e cartas trocadas com artistas, lado a lado com as pequenas esculturas do figurado popular. O atelier, fica nas águas-furtadas; cada vez que subíamos, era como se entrássemos na cabeça da artista. Também ali se veem objetos respiados, trabalhos de estudantes expostos nas paredes, livros e dossiês metodicamente organizados por temas: *metodologia de projeto, formação para professores, oficinas para o museu*. Um atelier que ficou assim, durante quarenta anos, a ser um arquivo vivo de uma professora de artes visuais e geometria do liceu.

Em 2020, depois de uma vida dedicada à mudança do ensino das artes visuais em Portugal e da colaboração com serviços educativos e de mediação em museus de arte, regressa ao atelier. Levanta o pano que cobria a paleta, os tubos de óleo, os pincéis ainda a cheirar a terebentina, e arrasta o cavalete para o meio do atelier; recomeça uma pintura que tinha ficado inacabada. Nas paredes revestidas a corticite, pinturas com a diferença de 60 anos dialogam entre elas: as paisagens e cenas do quotidiano de Trás-os-Montes —, pintadas quando ainda era jovem e que lhe valeram o Prémio Nacional de Pintura e a participação na VIII Bienal de São Paulo —, com as pinturas contemporâneas, abstratas, de uma mulher que continua incansável na procura da definição da linha-fronteira, da sobreposição de

1. Título pedido de empréstimo a duas investigadoras, Manuela Sanches Ferreira e Milice Ribeiro dos Santos, na área da sistémica, intervenção e educação. Tratando-se de um empréstimo, tem três "Vs" de vai, de volta e vem, como a aprendizagem.

manchas que transparecem os tons debaixo e que, como explica, a ela “não pode fazer lembrar nada, para não se deixar condicionar.”

A sala de exposições do piso -1 da Galeria Municipal do Porto, de paredes brancas, foi forrada a corticite, remetendo para o estúdio de Elvira Leite. As paredes exteriores da galeria, transformaram-se num lugar de documentação e apropriação, como se fosse um Diário de Bordo. Apresentam-se cartas trocadas com o amigo e colega de ação, Bruno Munari; um arquivo de fotografias das ruas do Porto nos pós-25 de Abril e do 1º de Maio com crianças e jovens que mostram os seus cartazes e reivindicações provadas, um outro arquivo de imagens de espaços pedagógicos, que mostram as condições desoladoras de uma sala de aula que esta professora transformou e melhorou ao longo da sua vida. Este arquivo de imagens, da Faculdade de Belas Artes do Porto, mostra ainda fotografias de oficinas do Atelier 61, que coordenou com Manuela Malpique, do Centro Regional das Artes Tradicionais e do educativo da Fundação de Serralves com fotografias de atividades no Parque e no Museu.

Esta é uma exposição afetiva. Reúne várias pessoas que fazem parte do pensamento e campo multidisciplinar de Elvira Leite — foram comissionados um texto e um filme à artista e investigadora Amanda Midori — com quem a Galeria Municipal do Porto está a coorganizar o encontro *Dentro e Fora da Escola: Pensar o educativo e o artístico a partir de Elvira Leite*. Será orientada uma visita por Lúcia Almeida Matos para abordar o ensino do Curso de Pintura da antiga Escola de Belas Artes do Porto. Pedro Galante foi o geómetra da exposição, criando elementos cenográficos, com composições tridimensionais a partir da forma do trisósceles e das ilustrações que Elvira Leite realizou para os livros-jogo dos anos 70.

Deseja-se que esta seja uma exposição de recriação de experiências artísticas para “deleite estético”, como diria o colega e escultor Alberto Carneiro. Elvira Leite foi uma professora capaz de acreditar na mudança da escola e das turmas onde lecionou. É engajada e de uma entrega total com o que cria. Por estas razões, esta foi uma curadoria de aprendizagem e reciprocidade.

Matilde Seabra



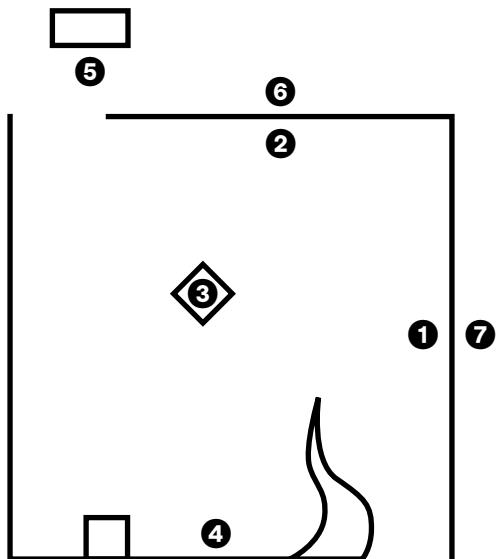
© Dinis Santos

### Elvira Leite

Elvira Leite nasceu em 1936 no Porto, onde se licencia em pintura pela Escola de Belas-Artes da Universidade do Porto. Integra a VIII Bienal de São Paulo (1965) e a II Bienal Internacional del Deporte en las Bellas Artes de Madrid (1969). Em 1968 ganha o Prémio Nacional de Pintura. No período pós-25 de Abril, acompanha processos como o SAAL e implementa projetos de expressão livre para crianças no Porto. Inicia, então, a carreira de docência para, na década de 1980, colaborar com o Ministério da Educação. Nos anos 1990, integra os primeiros serviços educativos do Museu Nacional Soares dos Reis e da Fundação de Serralves. É autora e coautora de diversos livros e publicações dirigidos a professores sobre Metodologia de Projeto, o Espaço Pedagógico e a Educação pela Arte, e ainda de oficinas criativas e livros-jogo para crianças, famílias e escolas que resultaram de amizades e partilhas de saberes com figuras como Bruno Munari e Arno Stern.

---

\*Entre 16.12.25 e 16.01.26,  
a exposição é ativada pelas  
Oficinas O Espaço Entre,  
pelo que a planta sofre  
alterações na disposição  
das obras.



<p><b>1</b>  <b>Sem título</b>  1965  Óleo sobre aglomerado de madeira  123 x 163 cm  Coleção particular</p>	<p><b>Aldeia Transmontana</b>  1966  Óleo sobre aglomerado de madeira  128 x 107 cm  Cortesia da artista</p>	<p><b>5</b>  <b>Gabinete de Curiosidades</b>  Início séc. XX  206 x 50 x 101 cm  Cortesia da artista</p>
<p><b>Aldeia Transmontana</b>  [Prova de Tese]  1964  Óleo sobre tela colado sobre aglomerado de madeira  150 x 200 cm  FBAUP Inv. no. 99.PINT.739</p>	<p><b>3</b>  <b>Sem título</b>  1967-1975  Cerâmica vidrada  Dimensões variáveis  Cortesia da artista</p>	<p><b>6</b>  <b>Seleção de publicações nas quais Elvira Leite é coautora</b>  1974-2010  Cortesia da artista e Biblioteca da Fundação de Serralves e Pierrot le fou  - Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto</p>
<p><b>Banhistas</b>  1966  Óleo sobre aglomerado de madeira  92 x 173 cm  Cortesia de Maria José Pereira Leite</p>	<p><b>4</b>  Elvira Leite e Manuela Malpique  <b>Elemento cenográfico a partir de "Trisóscleos - Construções Tridimensionais" por Pedro Galante</b>  1974 Jogos Visuais, Edição Asa, Porto  Fabrianno Academia  - Tipo Grade  3,2 x 3 m</p>	<p><b>Arquivo fotográfico digitalizado</b>  Coleção da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.  Doação da artista</p>
<p><b>Ceia Transmontana</b>  1965  Óleo sobre aglomerado de madeira  88 x 168 cm  Cortesia da artista</p>	<p><b>Sem título</b>  2023  Óleo sobre aglomerado de madeira  56 x 46 cm  Cortesia da artista</p>	<p>Bruno Munari  <b>Cartas dirigidas a Elvira Leite</b>  Circa 1980/90  Reprodução de Manuscrito em Papel de carta  Arquivo pessoal de Elvira Leite</p>
<p><b>2</b>  <b>Aldeia Transmontana</b>  1966  Óleo sobre aglomerado de madeira  107 cm x 127 cm  Cortesia da artista</p>	<p><b>Sem título</b>  2025  Óleo sobre tela  40 cm x 52 cm  Cortesia da artista</p>	<p>Amanda Midori e Pedro Bastos  <b>Por desvios e derivas</b>  2025  Video digital 17' 08"  Comissão de Galeria Municipal do Porto</p>
<p><b>Sem título</b>  1968-2025  Óleo sobre tela  90 x 65 cm  Cortesia da Artista</p>	<p><b>Sem título</b>  2023  Óleo sobre tela  100 x 82 cm  Cortesia da artista</p>	<p><b>7</b>  Elvira Leite e Manuela Malpique  <b>Composição a partir das ilustrações de "Jogos Visuais" por Pedro Galante</b>  1974 Jogos Visuais, Edição Asa, Porto  Vinil mate  3,2 x 8 m</p>
<p><b>Sem título</b>  2025  Óleo sobre tela  130 x 100 cm  Cortesia da artista</p>	<p><b>Sem título</b>  2025  Ecoline em papel aguarela e outros objetos minerais  Dimensões variáveis  Cortesia da artista</p>	
<p><b>Sem título</b>  2025  Óleo sobre tela  120 x 90 cm  Cortesia da artista</p>		

# Learning to teach, teaching to learn

Curated by **Matilde Seabra**

**Elvira  
Leite**

For over six decades, Elvira Leite's work has explored both pedagogy and artistic practice. **Learning to teach, teaching to learn** is the first institutional presentation of this key figure in contemporary Portuguese art.

The exhibition unfolds in two parts: a display of rarely seen paintings and a recreation of her studio. The first part brings together early works from the beginning of her career in dialogue with a selection of recent and previously unseen pieces, establishing a conversation between figuration and abstraction. The second transforms the gallery into a space where one can "play" spatially with the geometries, forms, and drawings from her gamebooks, while also housing her archive, which includes letters, photographs, and objects.

By inviting an encounter with this hybrid practice, **Learning to teach, teaching to learn** reveals the singular universe of Elvira Leite, a radiant painter and an essential figure in the reimaging of art education in Portugal.

### **Public Programme**

**15.11.2025 — 17:00**  
**Opening**

**13.12.2025 — 15:00**  
**Guided Tour (PT)**  
with Lúcia Almeida Matos

**16.12.2025 — 16.01.2026**  
**Workshops**  
**The Space In Between**  
with Cristina Camargo, mediation teams  
BOA Arts, PING!/GMP, Bibliotecas Municipais do Porto

**07.02.2026 — 10:00 — 17:00**  
**Seminar**

**Thinking about education and art based on Elvira Leite**  
with Amanda Midori, Cat Martins, Joaquim Azevedo,  
Maria João Vicente, Matilde Seabra, Milice Ribeiro dos Santos,  
Sofia Victorino, Plano Nacional das Artes and Escola Imaxinada

**Guided Tours**  
**06.12.2025 + 03.01.2026 + 07.02.2026**  
(Saturday) — 16:00

## Learning to Teach, Teaching to Learn with Elvira Leite<sup>1</sup>

This is an exhibition wrapped in painting, reflecting two moments that appear identical — the opening and the closing — in which the works of the artist Elvira Leite are shown.

The word *wrapped* evokes something contained within, protected or hidden, and calls to mind the memory of unwrapping a present or taking a game out of its box. This exhibition aims to do all of that: to wrap, unwrap, and wrap again. From December to January, midway through its run, the exhibition transforms into a studio, offering creative workshops, open to all. Entitled *Espaço Entre*, it is presented with programming curated by Cristina Camargo from BOA Arts, together with the mediation teams from ping! and the Porto Municipal Libraries, inspired by the artistic and playful projects developed by Elvira Leite in collaboration with other authors, artists, and designers.

Over the course of nearly a year, we inhabited the home and studio of Elvira Leite. While the house itself is already a welcoming space, the artist's hands invite us further in, pointing out photographs, works, and letters exchanged with fellow artists, alongside the small sculptures of popular figures. The studio is in the attic; each time we climbed up, it felt as though we were entering the artist's mind. There too, one sees gathered objects, students' works displayed on the walls, books, and dosiers meticulously organised by theme: *project methodology, teacher training, museum workshops*. This studio remained like this for forty years, serving as a living archive of a visual arts and geometry teacher at the secondary school.

In 2020, after a lifetime devoted to transforming visual arts education in Portugal and collaborating with museum educational and mediation departments across art museums, Elvira returned to the studio. Leite lifted the cloth covering the palette, the oil tubes, the brushes still smelling of turpentine, and dragged the easel to the centre of the studio; she resumed a painting that had been left unfinished. On the walls lined with corkboard, paintings sixty years apart engage in dialogue with one another: the landscapes and everyday scenes of Trás-os-Montes — painted in her youth, which earned her the National Painting Prize and a place in the VIII São Paulo Biennale — alongside contemporary, abstract paintings by a woman who continues tirelessly in the pursuit of defining the borderline, layering stains that reveal the underlying tones, which, as she explains, "must not remind her of anything, so as not to be influenced."

The exhibition room on the -1 floor of the Galeria Municipal do Porto, with its white walls, was lined with corkboard, evoking Elvira Leite's studio. The outer walls of the gallery were transformed into a space of documentation and appropriation, akin to a logbook. Displayed are letters exchanged with her friend and collaborator, Bruno Munari; an archive of photographs of the streets of Porto in the post-25<sup>th</sup> April period and on 1st May, showing children and young people presenting their posters and claims; another archive of images of pedagogical spaces, documenting the desolate conditions of classrooms that this teacher transformed and improved throughout her life. This image archive, from the Faculty of Fine Arts of Porto, also includes photographs of workshops at Atelier 61, which she coordinated with Manuela Malpique, the Regional Centre

1. Title borrowed from two researchers, Manuela Sanches Ferreira and Milice Ribeiro dos Santos, in the fields of systems, intervention, and education. As a borrowed title, it embodies three "Vs": go (vai), return (de volta), and come back (vem), reflecting the cyclical nature of learning.

for Traditional Arts, and the educational department of the Serralves Foundation, featuring photographs of activities in the park and the museum.

This is an affective exhibition. It brings together various people who are part of Elvira Leite's thinking and multidisciplinary field — a text and a film were commissioned from the artist and researcher Amanda Midori, with whom the Galeria Municipal do Porto is co-organising the event *Inside and Outside the School: Thinking the Educational and the Artistic from Elvira Leite*. A guided visit will be led by Lúcia Almeida Matos, focusing on the teaching of the Painting Course at the former School of Fine Arts of Porto. Pedro Galante was the exhibition's geometer, creating scenographic elements with three-dimensional compositions based on the shape of the *trisosceles* (*isosceles triangle*) and the illustrations Elvira Leite made for the activity books of the 1970s.

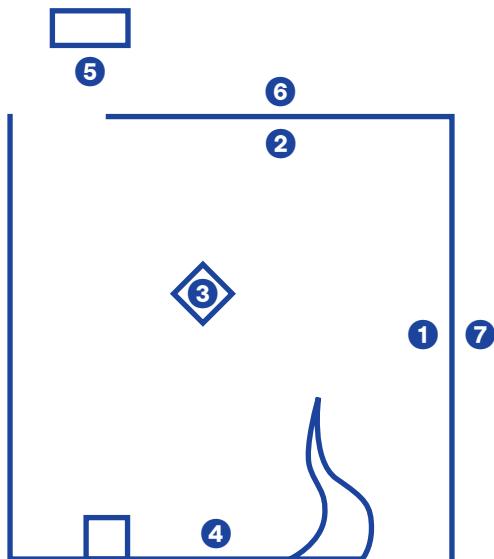
The intention is for this exhibition to recreate artistic experiences for "aesthetic delight", as her colleague and sculptor Alberto Carneiro would say. Elvira Leite was a teacher capable of believing in the transformation of the school and of the classes where she taught. She is engaged and fully committed to everything she creates. For these reasons, this was a curatorship of learning and reciprocity.

Matilde Seabra

### Elvira Leite

Elvira Leite was born in 1936 in Porto, and graduated in Painting from the School of Fine Arts of the University of Porto. Leite participated in the VIII São Paulo Biennale (1965) and the II International Biennale of Sport in the Fine Arts, Madrid (1969). In 1968, the artist received the National Painting Prize. In the period following the 25<sup>th</sup> April Revolution, she became involved in initiatives such as SAAL and developed projects promoting free expression for children in Porto. Leite then began a teaching career, and in the 1980s collaborated with the Ministry of Education. In the 1990s joined the first educational department of the Museu Nacional Soares dos Reis and the Serralves Foundation. Leite is the author and co-author of several books and publications aimed at teachers, focusing on Project Methodology, the Pedagogical Space, and Arts Education, as well as creative workshops and activity books for children, families, and schools. These initiatives grew out of friendships and shared knowledge with figures such as Bruno Munari and Arno Stern.

\*Between 16 December 2025 and 16 January 2026, the exhibition is activated by the *The Space In Between* workshops, which will result in changes to the layout of the pieces.



①	<b>Untitled</b> 1965 Oil on plywood 123 x 163 cm Private collection	<b>Trás-os-Montes village</b> 1966 Oil on plywood 128 x 107 cm Courtesy of the artist	⑤ <b>Curiosity Cabinet</b> Early 20th century 206 x 50 x 101 cm Courtesy of the artist
Trás-os-Montes village [Thesis exam]	1964 Oil on canvas glued onto plywood 150 x 200 cm FBAUP Inv. no. 99.PINT.739	② <b>Untitled</b> 1967-1975 Glazed ceramics Variable dimensions Courtesy of the artist	⑥ <b>Selection of publications in which Elvira Leite is co-author</b> 1974-2010 Courtesy of the artist and Biblioteca da Fundação de Serralves and Pierrot le feu - Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto,
<b>Bathers</b> 1966 Oil on plywood 90 x 65 cm Courtesy of Maria José Pereira Leite	④ <b>Elvira Leite and Manuela Malpique Scenographic element based on "Trisóscleos - Construções Tridimensionais" by Pedro Galante</b> 1974 Jogos Visuais, Edição Asa, Porto Fabrianno Academia - Tipo Grade 3 x 3.2 m	⑦ <b>Digitised photographic archive</b> Collection of Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Donation by artist	<b>Bruno Munari Letters addressed to Elvira Leite</b> Circa 1980/90 Reproduction of manuscript on letter paper Personal archive from Elvira Leite
Trás-os-Montes supper 1965 Oil on plywood 79 x 160 cm Courtesy of the artist	② <b>Trás-os-Montes village</b> 1966 Oil on plywood 107 cm x 127 cm Courtesy of the artist	<b>Untitled</b> 2023 Oil on plywood 56 x 46 cm Courtesy of the artist	<b>Amanda Midori and Pedro Bastos Through drifts and deviations</b> 2025 Digital video 17' 08" Comission by Galeria Municipal do Porto
Untitled 1968-2025 Oil on canvas 90 x 65 cm Courtesy of the artist	<b>Untitled</b> 2025 Oil on canvas 40 cm x 52 cm Courtesy of the artist	<b>Untitled</b> 2023 Oil on canvas 100 x 82 cm Courtesy of the artist	⑦ <b>Elvira Leite and Manuela Malpique Composition based on the illustrations of "Jogos Visuais" by Pedro Galante</b> 1974 Jogos Visuais, Edição Asa, Porto Matte vinyl 8 x 3,2 m
Untitled 2025 Oil on canvas 130 x 100 cm Courtesy of the artist	<b>Untitled</b> 2025 Ecoline on watercolour paper and other mineral objects Variable dimensions Courtesy of the artist		
Untitled 2025 Oil on canvas 120 x 90 cm Courtesy of the artist			

# Recursões: uma cartografia de territórios inacabados

Curadoria **Margarida Waco e Kiluanji Kia Henda**

# Kiluanji Kia Henda

com **Flávio Cardoso,**  
**Lilianne Kiame e Raul Jorge Gourgel**

**Recursões: uma cartografia de territórios inacabados** centra-se no diálogo entre a obra de Kiluanji Kia Henda e três artistas angolanos — Flávio Cardoso, Lilianne Kiane e Raul Jorge Gourgel — para refletir sobre as promessas, fracassos e ruínas da modernidade.

A exposição é articulada pela ideia de recursão: um processo orgânico de retorno que compreende passado, presente e futuro, marcado por movimentos recorrentes, inacabados e em constante mutação. Com fortes ligações ao território e à paisagem, as obras desenham ciclos de memória e especulação, propondo Angola como um arquivo vivo de imaginação coletiva.

Através de diferentes linguagens como a fotografia, a pintura, a instalação, o vídeo ou a performance, **Recursões** propõe um mapa que analisa o impacto atual das heranças coloniais. Superando narrativas históricas fixas, a exposição apresenta-se como uma bússola provisória que localiza um território de contornos instáveis a partir do qual novos horizontes podem emergir.

### **Programa Público**

**15.11.2025 — 17:00**  
**Inauguração**

**16.11.2025**  
**Visitas Guiadas**  
15:00 — com Margarida Waco (EN)  
16:00 — com Kiluanji Kia Henda (PT)

**31.01.2026 — 11:00 — Fonoteca Municipal do Porto**  
**Escuta ativa**  
com Kalaf Epalanga

**31.01.2026 — 15:00**  
**Apresentação**  
**Manual Antirracista para as Artes e Educação**  
com UNA – União Negra das Artes

**14.02.2026 — 17:00**  
**Dj set de Nazar**

**Visitas Guiadas**  
**06.12.2025 + 03.01.2026 + 07.02.2026**  
(sábado) — 15:00



Kiluanji Kia Henda © Kiluanji Kia Henda



Flávio Cardoso © Flávio Cardoso



Lilianne Kiame © Kim Praise



Raul Jorge Gourgel © Raul Jorge Gourgel

# Quantos futuros morreram no passado?

Recursões: uma cartografia de territórios inacabados

Kiluanji Kia Henda com Flávio Cardoso, Lilianne Kiamé & Raul Jorge Gourgel

Esta pergunta surgiu quando, em 2024, recebi um convite da Galeria Municipal do Porto para realizar uma exposição individual. Em vez de apresentar um projeto a solo, transformei esse convite numa provocação — e num desafio maior: poderia este espaço acolher uma multiplicidade de vozes, línguas e temporalidades? Foi a partir deste impulso que surgiu *Recursões*, uma exposição coletiva e um projeto curatorial desenvolvido em colaboração com a arquiteta e investigadora Margarida Waco, cujo trabalho se debruça sobre os processos materiais e ideológicos que moldam e remodelam a Bacia do Congo — região à qual pertencem partes do que hoje se considera Angola.

Esta exposição convoca um reconhecimento que sempre me interessou: o poder da arte para atravessar temporalidades. A capacidade de nos desprendermos do presente, investigarmos o passado e projetarmos futuros é um desafio constante — sobretudo no contexto de sociedades ainda marcadas pela experiência colonial, onde a memória histórica foi fraturada, erodida e silenciada de forma seletiva. Sociedades que, até hoje, permanecem fragilizadas pela ausência de infraestruturas e políticas capazes de garantir um acesso efetivo ao conhecimento histórico.

Senti-me impelido a explorar um território a partir de uma perspetiva e de um conceito que vão para além da noção de Estado-nação. Decidi, assim, entrar em diálogo com artistas angolanos, amigos e colegas: Flávio Cardoso, Lilianne Kiamé e Raul Jorge Gourgel. Juntos, quisemos abordar o território como um espaço de camadas históricas, deslocamentos e interseções, onde as ideias circulam e se transformam, e não apenas como uma fronteira cartográfica estabelecida por um tratado colonial. É neste espaço fluido que se experimentam novas formas de relação entre memória, política e imaginação. Ao reunir artistas com experiências e linguagens distintas, a exposição pretende criar diálogos que desafiem as narrativas oficiais, nas quais os elementos que simbolizam a soberania são manipulados, para questionar valores universais, explorando a prática artística como um espaço de crítica e poesia, capaz de resgatar o público da amnésia coletiva. A exposição torna-se, assim, um espaço onde o arquivo não é apenas um repositório, mas um organismo vivo em constante mutação. Cada obra em exibição é uma tentativa de reescrever o mapa — não só geográfica, mas também mental e emocionalmente — de um território em constante reinvenção, onde se entrelaçam períodos históricos distintos e onde múltiplas tragédias nos conduzem a novos começos. O que surgiu não é simplesmente uma exposição, mas um espaço de especulação crítica e afetiva.

Kiluanji Kia Henda

# Falar em recursão não é simplesmente falar em retorno.

Retorno implica um movimento circular, um regresso à origem. A recursão, pelo contrário, nomeia algo mais insistente, mais indomável. Refere-se a uma repetição com diferença, a padrões que reaparecem alterados, refratados, nunca exatamente iguais. A recursão, neste sentido, é tanto uma análise como uma prática: uma forma de reentrar no presente através do regresso aos trabalhos inacabados do passado, e um modo de perceber como as histórias persistem, não como heranças fixas, mas enquanto sedimentações, interrupções e processos mutados que permanecem ativos no agora.

Tomando esta persistência como premissa curatorial, *Recursões: uma cartografia de territórios inacabados* acompanha os ciclos de continuidades e descontinuidades que constroem e desconstroem Angola, passado e presente. Não o faz para afirmar uma causalidade linear, mas para atender ao que chamo uma “lógica do reaparecimento”. Ou seja, às formas como a conquista e o império, as paisagens e teatralidades da modernidade, regressam com teimosa insistência através de tempos, escalas e técnicas mutáveis. Fundamentalmente, a recursão aqui direciona a nossa atenção para o território como um local de inscrição histórica. Enquanto matéria, como espaço da memória, como palco para projeção e como condição de possibilidade. Nomeia uma práxis de atenção à simultaneidade dos tempos, convidando-nos a considerar como as abstrações colonial-imperiais estão codificadas e citadas nas extrações atuais; como a construção do Estado-nação pós-independência colapsa em lutas contínuas, e como as heranças estruturais continuam a estruturar a vida angolana contemporânea. Embora a exposição situe as suas primeiras coordenadas em Angola, os seus horizontes inevitavelmente se voltam para fora, em direção à relação e a questões mais amplas sobre o legado do império, a política de ruínas e como habitar mundos onde futuros, repetidamente interrompidos, podem ser imaginados de outra forma.

Assim, *Recursões* reúne quatro artistas angolanos contemporâneos — Kiluanji Kia Henda Flávio Cardoso, Lilianne Kiame e Raul Jorge Gourgel — cujas obras se movimentam dentro e contra os paradoxos das modernidades em mutação: as suas promessas, os seus fracassos e as suas inquietas pós-vidas. Através da fotografia, do cinema, da escultura, de instalações e da pintura, a exposição constrói um mapa sem fixidez. Intersecta práticas artísticas, arquitetónicas e investigativas para testar novas coordenadas para a imaginação coletiva, questionando que formas de atenção são necessárias para permanecer com o inacabado enquanto possibilidade.

No centro deste retorno estão as obras de **Kiluanji Kia Henda**, cujas gravuras, filmes e esculturas desestabilizam as arquiteturas do progresso. Kia Henda localiza o trabalho da memória na ruína: instável e fragmentária. Do deserto do Namibe às fachadas marcadas por décadas de conflito armado, as suas imagens e instalações oscilam entre o íntimo e o político, entre a aparição e o desaparecimento, entre a permanência e a transitoriedade. Onde a ambição colonial dá lugar à decadência, horizontes especulativos dissolvem-se na areia e os muros da cidade tornam-se arquivos da guerra civil, da intervenção estrangeira e da propaganda, as suas obras confrontam o progresso como algo intrinsecamente precário, sempre assombrado pela possibilidade do colapso. Nestes espaços, a história vive tanto no que sobrevive como no que corrói e se desintegra — ou seja, nesses contra-arquivos que se insurgem contra as narrativas sancionadas pelo Estado. A partir deste enraizamento, a exposição expande-se, desdobrando-se em diálogo.

Ao virar a câmara para os fragmentos, **Flávio Cardoso** mapeia paisagens residuais da modernidade tecnológica. A sua prática traça um itinerário por linhas costeiras cobertas de lixo eletrónico, circuitos levados pela maré e fábricas abandonadas ao longo do Corredor do Lobito — o troço ferroviário histórico que liga o porto do Lobito, em Angola, à província de Katanga, na República Democrática do Congo. outrora construídas para sustentar ambições coloniais, mais tarde ultrapassadas pelo tempo e pelo abandono, estas vastas infraestruturas tornam-se, nas suas fotografias, lugares onde as temporalidades colapsam. Reúnem passado e futuro, o descartável e o possível, para recompor vestígios materiais da obsolescência numa história. É na ferrugem, na ruína e no silêncio que Cardoso encontra o seu ponto de partida, para reanimar novas constelações e conexões a partir dos destroços — insistindo que o que permanece ainda pode gerar.

Enquanto as obras de Kia Henda e Cardoso revelam o colapso, **Lilianne Kiame** pinta a partir da suspensão e das arquiteturas inacabadas do boom petrolífero angolano: das torres esqueléticas descoloradas pelo sol, paradas a meio da construção, às carcaças de vidro vazias, andaimes congelados contra o céu, e placas de betão pré-fabricadas à espera de revestimento. outrora celebradas como monumentos à prosperidade, estas formas esqueléticas permanecem hoje como lembranças de futuros não concretizados, de investimentos evaporados e de promessas não cumpridas, dando testemunho da volatilidade do capital extrativista. No entanto, o trabalho de Kiame não se acomoda ao luto. Pelo contrário, regista a suspensão como ferida e como limiar. Neste intervalo entre o progresso e o abandono, as suas pinturas reinventam o inacabado como abertura — onde andaimes e esqueletos de betão surgem como convites materiais para ensaiar outros ritmos e formas de vida improvisadas.

Se Kiame e Cardoso trabalham a suspensão e os destroços, **Raul Jorge Gourgel** volta-se para o ritual, o fogo e o corpo. As suas instalações convocam objetos, emblemas e símbolos ligados à nação e à transmutação da Angolanidade — apenas para os tornar

frágeis e combustíveis. Simultaneamente íntimas e institucionais, frágeis e carregadas, estas fusões entre o eu e a nação tornam-se recipientes afetivos para a reinterpretação e a contestação. Através da performance, Gourgel encena a sua combustão para interrogar a herança como algo ensaiado, tenso e inacabado, questionando o que é preservado e transmitido, o que precisa de ser libertado, e de que forma a identidade nacional pode ser cuidada enquanto negociação volátil e contínua.

Ao longo destas quatro práticas, *Recursões* colapsa paisagens temporais, convidando-nos a revisitar os assombros estruturados pela diferença, embora reencenadas sob novos termos e condições. Reativa narrativas deixadas adormecidas, não como notas de rodapé ou citações, mas como ritmo e respiração. Isto é a recursão em ação: um entrelaçamento de presentes, passados e futuros que mantém as suas profundidades de outros presentes, passados e futuros — cada um carregando, alterando e mantendo os anteriores, para ecoar Achille Mbembe. Assim, habitar ruínas, suspensões, fragmentos e combustões é compreender o inacabado como presença que molda as possibilidades de vida nas suas múltiplas formas e constelações.

Aqui, o inacabado aponta para um conjunto de coordenadas para novas orientações — que nos impulsionam a confrontar o irresoluto, o instável e o que está em aberto — enquanto aspiramos a horizontes e futuros por traçar, ainda em formação. Não apesar do inacabado, mas através dele.

Margarida Waco

### Flávio Cardoso

Flávio Cardoso cresceu em Luanda, Angola, rodeado pelos primeiros mundos cibernéticos da internet por acesso telefónico, videojogos e televisão por satélite. Durante o massacre de 1992, em Luanda, o seu pai levou para casa um velho computador IBM com o intuito de o manter dentro de casa — um gesto que despertou a sua fascinação pela tecnologia. Formado em programação de software, trabalhou em engenharia, antes de se dedicar à fotografia como forma de lidar com sentimentos de distanciamento em relação ao seu meio envolvente. Aquilo que começou como um passatempo evoluiu para uma prática artística a tempo inteiro, na qual explora as interseções entre tecnologia, alienação e os legados do colonialismo. Trabalhando com fotografia, vídeo, cor e instalações imersivas, Cardoso reflete sobre os efeitos da governação algorítmica e dos cenários tecnocráticos. O seu trabalho tem vindo a expandir-se através de residências artísticas e exposições coletivas em Angola, em Cabo Verde e na Nigéria.

### Kiluanji Kia Henda

Kiluanji Kia Henda vive e trabalha na sua cidade de Luanda, Angola. A sua prática artística cruza fotografia, vídeo, performance, instalação e música, explorando a arte como meio de construção e reinterpretação da história. Através de narrativas ficcionais, desloca acontecimentos históricos para novos contextos e temporalidades, refletindo sobre a identidade, a política e os imaginários da modernidade em África. O seu trabalho propõe novas leituras do passado e abre espaço para futuros possíveis, transformando a arte num território de pensamento crítico sobre memória, poder e transformação social. O trabalho de Kiluanji Kia Henda tem sido apresentado em importantes instituições e eventos internacionais, incluindo a 60ª Bienal de Veneza, Centre Georges

Pompidou, Migros Museum, International Film Festival of Rotterdam, 2ª Bienal de Lubumbashi, 12ª Bienal de Gwangju, Tate Modern (Londres), Museu Guggenheim (Bilbao), 3ª Trienal do New Museum (Nova Iorque), 11ª Bienal de Dakar, Bergen Assembly, Museu Tamayo (Cidade do México), 29ª Bienal de São Paulo e a Trienal de Luanda, entre outros.

### Lilianne Kiame

Lilianne Kiame nasceu em Luanda, Angola. Trabalhando entre a pintura, a escultura e a instalação, a sua prática entrelaça narrativas históricas e culturais para examinar questões de exploração, extrativismo e as realidades socioeconómicas que moldam a Angola contemporânea. A sua apresentação individual mais recente, *Land for Sale* (Investec Cape Town Art Fair, 2025), reuniu pintura e escultura para questionar a propriedade da terra e a extração de recursos. O seu trabalho integrou exposições como *Artists for a New Tomorrow* (Jahmek Contemporary, Luanda, 2022), *Chibinda Ilunga, Places of Belonging* (Humboldt Forum, Berlim; Museu de Antropologia, Luanda, 2022), e *Open Studio – Art School Alliance* (Karolinenstrasse, Hamburgo, 2024). Contribuiu também para a Coleção Forward Art Stories com uma obra comissionada para a exposição coletiva *Visions of the Efémeras*. Em 2024, foi investigadora em residência na Hochschule für Bildende Künste Hamburg, onde liderou um curso dedicado à criação de espaço e à luz. Atualmente, Kiame é responsável pela direção artística do filme de ficção científica angolano *Hold Time for Me*, expandindo ainda mais a sua abordagem multidisciplinar à arte da narrativa.

### Margarida Waco

Margarida Waco é arquiteta, escritora e atualmente doutoranda no Institute for the History and Theory of Architecture (gta) da ETH Zürich, na Suíça. Recentemente, desempenhou funções como

responsável pela Estratégia de Relações Externas na revista *The Funambulist*, dirigiu e lecionou um atelier de projeto arquitetónico no Royal College of Art, em Londres, e colaborou com vários gabinetes de arquitetura em Copenhaga, Paris e Estocolmo. O seu trabalho foi apresentado na 18.ª Bienal de Arquitetura de Veneza, Architekturmuseum der TUM, Palais de Tokyo, Festival Afrofeminista Nyansapo, Museu de Arte de Malmö, Form/Design Center, MAM – Mês da Arquitetura da Maia, entre outros. Os seus textos foram publicados em plataformas como *Afterall*, *Archive of Forgetfulness*, *e-flux*, *Ellipses Journal of Creative Research*, *STOA Journal* e *Aprender a desaprender* (Dafne Editora, 2024), entre outras. Waco coeditou diversas publicações, incluindo *Rehearsals: Toward an Economy of Care and Repair* (2025), *Homeplace – A Love Letter* (Architekturmuseum der TUM, 2023), *Pan-Africanism* (The Funambulist, 2020), e é coautora de *Informal Horizons: Urban Development and Land Rights in East Africa* (Royal Danish Academy, 2019).

entre território e nação, assim como pelas tensões e pelos esforços constantes para os aproximar. O trabalho de Gourgel centra-se na compreensão do trauma e na análise da forma como a construção da nação molda a identidade coletiva e, por consequência, o vocabulário existencial do indivíduo. Esta investigação implica um revisitado contínuo de momentos históricos e contemporâneos, através da experiência pessoal e coletiva.

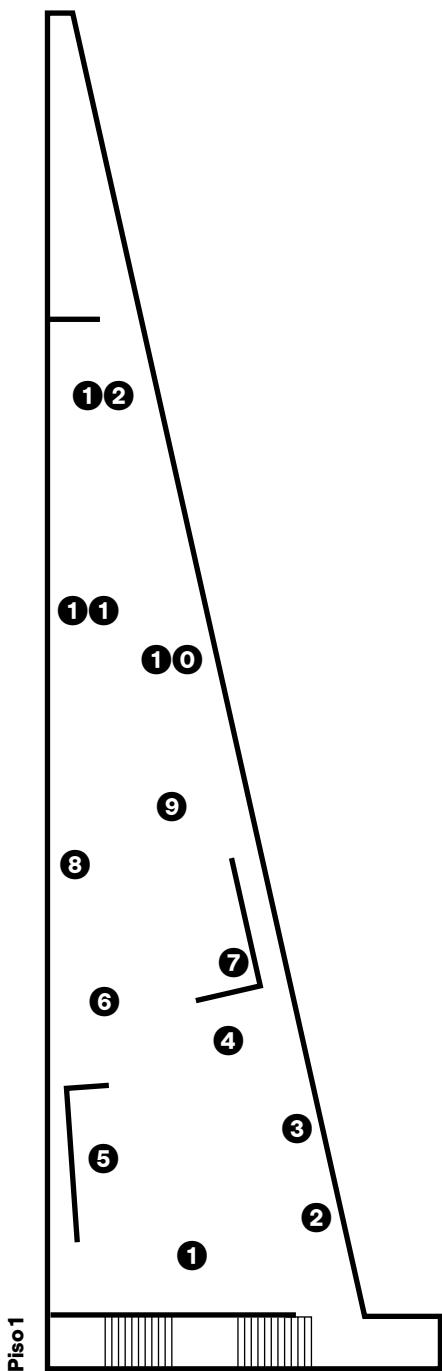
### Raul Jorge Gourgel

Raul Jorge Gourgel é artista multidisciplinar e trabalha na área da investigação, entre Luanda e a Cidade do Cabo. Nasceu três anos antes do fim da guerra “civil” angolana, em 1999, tendo crescido, com uma mãe solo e numa família com raízes no nacionalismo revolucionário, num período em que o país se reconfigurava e procurava recuperar de décadas de conflito. Desde cedo, esteve em contacto próximo com as narrativas da construção da nação e a memória da guerra que marcou a infância de toda uma geração, enquanto Angola enfrentava o seu trauma coletivo. A prática artística de Gourgel nasce do diálogo entre essa experiência formativa e um profundo interesse por processos que promovem formas coletivas de existir e de conhecer. Interessa-se pelo hiato



Kiluanji Kia Henda, *Miragem / Mirage*, 2025





7

**O Palácio do Poder**

**Abstrato**

2014

Serigrafia e impressão

Injekt sobre papel

fotográfico

100 × 100 cm

Cortesia: Artista e  
Galleria Fonti, Nápoles

7

**A Fortaleza**

2014

Serigrafia e impressão

Injekt sobre papel

fotográfico

100 × 100 cm

Cortesia: Artista e  
Galleria Fonti, Nápoles

7

**O Templo**

2014

Serigrafia e impressão

Injekt sobre papel

fotográfico

100 × 150 cm & 100 × 100 cm

Cortesia Artista e  
Galleria Fonti, Nápoles

6

**O Palácio de Cristal**

2024-2025

Escultura em metal  
com base espelhada

280 × 120 × 120 cm

Desenho técnico:

Patrícia Coelho

Execução das peças:

Atelier Kiko Pedras

Cortesia: Artista e

Galleria Fonti, Nápoles

9

**A Torre de Vigia**

2024-2025

Escultura em metal  
com base espelhada

280 × 175 × 175 cm

Desenho técnico:

Patrícia Coelho

Execução das peças:

Atelier Kiko Pedras

Cortesia: Artista e

Galleria Fonti, Nápoles

**Série:****Uma Cidade Chamada Miragem**

A série de fotografias, serigrafias e esculturas lineares *Uma Cidade Chamada Miragem* é baseada nos sona, desenhos de areia da tradição Lunda Tchokwe, traçados por contadores de histórias enquanto narram fábulas. Verdadeiras construções narrativas, os sona condensam o enredo em linhas efêmeras, numa analogia à natureza transitória das cidades. Kia Henda transpõe essa linguagem para o espaço tridimensional, criando estruturas imaginárias no deserto — esqueletos de edifícios que evocam simultaneamente ruínas e construções em curso. Essas formas ambíguas refletem a miragem no horizonte urbano de muitas cidades, marcadas por projetos inacabados e futuros suspensos, onde progresso e ruína coexistem no mesmo traço.

**③****Wall and Politics I****“Somos em África um ponto de referência e um alvo permanente de agressão”**

2006

Impressão Injekt em papel Fine Art

70 × 100 cm

Cortesia: Artista e Galleria Fonti, Nápoles

**③****Wall and Politics II****“O marxismo dá-nos a ideia justa, e a luta dá-nos a vitória”**

2006

Impressão Injekt em papel Fine Art

70 × 100 cm

Cortesia: Artista e Galleria Fonti, Nápoles

**③****Wall and Politics III****“Estamos prontos a esmagar toda tentativa de perturbação da paz no nosso território”**

2006

Impressão Injekt em papel Fine Art

70 × 100 cm

Cortesia: Artista e Galleria Fonti, Nápoles

**③****Wall and Politics IV****“O trabalho é a força motriz do desenvolvimento da sociedade”**

2006

Impressão Injekt em papel Fine Art

70 × 100 cm

Cortesia: Artista e Galleria Fonti, Nápoles

**Série:****Wall and Politics**

Na série fotográfica inicial, *Wall and Politics*, Kiluanji Kia Henda documenta inscrições políticas deixadas nas paredes do Namibe: vestígios de resistência, propaganda e sobrevivência que ainda ecoam a longa Guerra Civil Angolana (1975-2002). Estes fragmentos desvanecidos, muitas vezes retirados da retórica marxista ou de slogans de guerra, refletem a profunda marca das ideologias da Guerra Fria no solo angolano e no espaço público.

Ao voltar o olhar para

estas superfícies do quotidiano, Kia Henda transforma a cidade num arquivo frágil, onde a memória, a política e a experiência vivida, gravadas na pedra, convocam um confronto com histórias ainda por resolver.

**④****Dor Fantasma****- Uma Carta a Henry A. Kissinger**

2020

Vídeo monocanal, 8 mins 33 seg

Cortesia: Artista e Goodman Gallery, Johannesburg

Nesta curta-metragem, Kiluanji Kia Henda regressa à rua da sua infância, onde um cinema, uma igreja e um centro ortopédico ainda testemunham a longa Guerra Civil de Angola (1975-2002). Estruturada como uma carta ao antigo Secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, a obra liga a memória pessoal aos entrelaçamentos mais amplos da política da Guerra Fria e da intervenção estrangeira. O que se desenrola é ao mesmo tempo íntimo e político: uma reflexão sobre como a intervenção estrangeira deixa cicatrizes duradouras na vida quotidiana e como a memória se torna uma forma de conviver com as feridas inacabadas da história.

11

## As Flores do Óleo Queimado

2025

7 serigrafias e 7 pinturas com óleo queimado sobre tecido  
100 x 70 x 5 cm (cada)  
Cortesia: Artista e Galleria Fonti, Nápoles

Nesta série de serigrafias sobre algodão cru, flores estampadas com óleo queimado de automóveis revelam a contradição entre natureza e indústria. As espécies representadas evocam os nomes dos principais campos de petróleo em Angola — uma linguagem floral usada para mascarar a violência ecológica do extrativismo, erguido como mito de progresso que oculta a sua própria devastação. O uso do óleo queimado — resíduo tóxico de uma economia dependente do combustível fóssil — não é mero acaso material, mas uma inscrição física do impacto ecológico. Assim, o trabalho opera entre denúncia e elegia: um poema visual em que a beleza e a ruína fundem-se e se contrapõem.

## Lilianne Kiame

3

### Figura I

2025

Óleo sobre tela  
90 x 90 x 5 cm  
Cortesia: Artista e Jahmek – Contemporary Art, Luanda

3

### Figura II

2025

Óleo sobre tela  
130 x 130 x 5 cm  
Cortesia: Artista e Jahmek – Contemporary Art, Luanda

3

### Figura III

2025

Óleo sobre tela  
130 x 130 x 5 cm  
Cortesia: Artista e Jahmek – Contemporary Art, Luanda

3

### Figura IV

2025

Óleo sobre tela  
200 x 200 x 5 cm  
Cortesia: Artista e Jahmek – Contemporary Art, Luanda

#### Série:

### Figura I-IV

Através de uma série de quatro pinturas a óleo, Lilianne Kiame volta-se para locais de construção suspensos a meio do processo: estruturas de aço, betão exposto e vestígios de rede vermelha falam das ambições interrompidas e os ritmos suspensos da economia angolana dominada pelo petróleo, onde a ambição arquitetónica frequentemente dá lugar à estagnação. Partindo de estudos anteriores em guache, Kiame retrata estes espaços com atenção silenciosa, evidenciando como a água, a vegetação e os pássaros começam a reclamar o que foi deixado para trás. Nesta interação indeterminada entre progresso e pausa, as obras refletem sobre a incompletude não apenas como fracasso, mas como limiar, onde o ambiente construído cede a outras temporalidades e formas improvisadas de vida.

## Flávio Cardoso

2

### O Resto é Silêncio II

2025

Impressão Injekt em papel Fine Art mate  
140 x 90 cm  
Cortesia: Artista

2

### O Resto é Silêncio I

2025

Impressão Injekt em papel Fine Art mate  
70 x 46 cm  
Cortesia: Artista

#### Série:

### O Resto é Silêncio

A série fotográfica de Flávio Cardoso, *O Resto é Silêncio*, documenta secções do Corredor do Lobito, a linha ferroviária que liga a costa atlântica de Angola à Província de Katanga, na República Democrática do Congo. Focando-se no troço entre Benguela e os planaltos centrais de Angola, em Huambo, Cardoso capta caminhos de ferro em desuso, fábricas abandonadas e outras marcas materiais da infraestrutura da era colonial. Originalmente construídas para servir à exportação de matérias-primas, estas estruturas encontram-se agora degradadas, testemunhas silenciosas do conflito, do abandono e da transição económica. Através de uma composição cuidada e de uma atenção à atmosfera, Cardoso revela paisagens industriais suspensas entre passados extrativistas e futuros incertos, onde a ferrugem, a ruína e o silêncio mantêm viva a memória.

**5**  
**Arqueologia de Futuros Passados**  
**2019-2025**  
**15 impressões Injekt em papel Fine Art mate 60 x 40 cm (cada)**  
**Cortesia: Artista**

No segundo movimento da trilogia de obras aqui apresentadas, Flávio Cardoso alterna entre a observação de infraestruturas em degradação e a construção de versões em miniatura das suas próprias. Utilizando aparelhos eletrónicos descartados e detritos plásticos recolhidos ao longo da costa, ele encena cenas industriais frágeis: grelhas, recintos e circuitos partidos que espelham a lógica espacial das fábricas abandonadas vistas ao longo do Corredor do Lobito. Ao combinar a decadência do mundo real com formas imaginadas, Cardoso explora como tanto a tecnologia como a indústria surgem, colapsam e recomeçam. Nestes trabalhos, a degradação torna-se uma forma de registar o tempo, mostrando que, mesmo na desintegração, algo do passado permanece.

**10**  
**A Testemunha Final**  
**2025**  
**Impressão Injekt em papel Fine Art mate 60 x 40 cm**  
**Cortesia: Artista**

Como epílogo de um ensaio visual sobre destruição, decadência e ciclos interrompidos, Flávio Cardoso apresenta uma imagem final de

duas corujas a ocupar um matadouro industrial abandonado em Huambo. Captadas na penumbra, a sua presença evoca simultaneamente o recuo da atividade humana e o retorno do mundo natural. Estas criaturas, silenciosas e vigilantes, habitam um espaço outrora marcado pela morte mecânica. O seu olhar reflexivo oferece uma perspetiva não-humana sobre as ruínas que deixamos para trás, tornando-se guardiãs de um lugar esquecido e testemunhas de uma era moldada por sistemas de eficiência, controlo e colapso.

#### Raul Jorge Gourgel

**1**  
**Estudo De Uma Bandeira**  
**2022-2025**  
**Escultura em madeira Lenha, cola de madeira e pregos metálicos 120 x 180 x 30 cm (aprox.)**  
**Cortesia: Artista**

Abrindo a exposição, Raul Jorge Gourgel convida-nos a regressar ao solo em Angola — enquanto matéria física e lugar de memória, contestação e possibilidade. Nesta instalação, Gourgel encena lenha para explorar a bandeira como objeto e como recipiente afetivo. A partir de uma memória de infância marcante, traça-se o modo como um material comum é transformado num portador de ensinamento, lealdade e emoção.

Ao mover-se entre a recordação pessoal e o simbolismo coletivo, a obra revela a bandeira não como um ícone fixo, mas como uma superfície mutável — simultaneamente íntima e institucional, frágil e carregada — mas sempre aberta à reinterpretação.

**12**  
**O Primeiro Voo de uma Avestruz**  
**2023**

**Video monocanal 5 min 55 sec**  
**Instalação com mesa de madeira, azeite “de unção”, taça de vidro, veludo, velas em castiçais**  
**Cortesia: Artista**

Como nota de encerramento da exposição, esta instalação mostra Raul Jorge Gourgel a prender cintos de desfile de bandeiras à volta do corpo, até que a linha entre nação e indivíduo se desvanece. Esta performance reflete como as ideias de identidade angolana, moldadas após a independência e durante a Guerra Civil Angolana (1975-2002), foram sempre imaginadas, mas nunca plenamente definidas. Ao oscilar entre a força e a vulnerabilidade, Gourgel explora a identidade como algo performativo, esticado e inacabado. A obra afirma-se simultaneamente como um ato de encarnação e de luto, ampliando a reflexão sobre o entrelaçamento e a evolução dos símbolos nacionais e das experiências pessoais.

# Recursions: a cartography of unfinished grounds

Curated by **Margarida Waco and Kiluanji Kia Henda**

**Kiluanji  
Kia  
Henda**

with **Flávio Cardoso,  
Lilianne Kiame & Raul Jorge Gourgel**

**Recursions: a cartography of unfinished grounds** centres on the dialogue between the work of Kiluanji Kia Henda and three Angolan artists—Flávio Cardoso, Lilianne Kiame e Raul Jorge Gourgel—in order to reflect on the promises, failures, and ruins of modernity.

The exhibition is structured around the idea of recursion: an organic process of return that encompasses past, present and future, marked by recurrent, unfinished, and constantly shifting movements. With strong ties to territory and landscape, the works trace cycles of memory and speculation, proposing Angola as a living archive of collective imagination.

Through different languages such as photography, painting, installation, video, and performance—**Recursions** offers a map that analyses the current impact of colonial legacies. Moving beyond fixed historical narratives, the exhibition presents itself as a provisional compass, locating a territory with unstable contours from which new horizons may emerge.

### Public Programme

15.11.2025 — 17:00  
**Opening**

16.11.2025  
**Guided Tours**  
15:00 — with Margarida Waco (EN)  
16:00 — with Kiluanji Kia Henda (PT)

31.01.2026 — 11:00 — Fonoteca Municipal do Porto  
**Active Listening**  
with Kalaf Epalanga

31.01.2026 — 15:00  
**Presentation**  
**Anti-Racist Handbook for Arts and Education**  
with UNA – União Negra das Artes [Black Union for the Arts]

14.02.2026 — 17:00  
**Dj set by Nazar**

**Guided Tours**  
06.12.2025 + 03.01.2026 + 07.02.2026  
(Saturday) — 16:00

## How many futures died in the past?

This question arose when I, back in 2024, received an invitation from Galeria Municipal do Porto to hold a solo exhibition. Rather than presenting a solo project, I turned the invitation into a provocation and a greater challenge: could this space host a multiplicity of voices, languages, and temporalities? From this impulse emerged *Recursions*, a group exhibition and a curatorial project developed in collaboration with architect and researcher Margarida Waco, whose work turns to the material and ideological processes that shape and reshape the Congo Basin – the region to which parts of what is considered present-day Angola belong.

This exhibition prompts a recognition that I have always been interested in: the power of art to traverse temporalities. The ability to detach ourselves from the present, investigate the past, and project futures is a constant challenge, especially in the context of societies still marked by colonial experience and where historical memory has been fractured, eroded, and selectively silenced. Societies that, to this day, remain weakened by the lack of infrastructure and policies capable of creating effective access to historical knowledge.

I was compelled to explore a territory from a perspective and a concept that goes beyond the notion of a nation-state. I therefore decided to enter into dialogue with fellow Angolan artists, friends, and colleagues: Flávio Cardoso, Lilianne Kiame e Raul Jorge Gourgel. Together, we wanted to approach territory as a space of historical layers, displacements, and intersections, where ideas circulate and transform, and not simply as a cartographic boundary established by a colonial treaty. It is in this fluid space that new forms of relationship between memory, politics, and imagination are experimented with.

By bringing together artists with different experiences and languages, the exhibition aims to create dialogues that challenge official narratives, in which the elements that symbolize sovereignty are manipulated, in order to question universal values, by exploring artistic practice as a space for critique and poetry, capable of rescuing the audience from collective amnesia. The exhibition thus becomes a space where the archive is not just a repository, but a living organism in constant mutation. Each work on display is an attempt to rewrite the map—not only geographically, but also mentally and emotionally—of a territory in constant reinvention, where distinct periods of history intertwine and where multiple tragedies lead us to new beginnings. What has emerged is not simply an exhibition but a space for critical and affective speculation.

Kiluanji Kia Henda

## To speak of recursion is not simply to speak of return.

Return implies circling back, a movement toward an origin. Recursion, by contrast, names something more insistent, more unruly. It suggests repetition with difference, patterns that reappear altered, refracted, never quite the same. Recursion, in this sense, becomes both analytic and praxis: a way of re-entering the present by returning to the unfinished workings of the past, and a way of seeing how histories resurface and endure, not as fixed inheritances, but as sedimentations, interruptions, and mutated processes that remain active in the now.

Taking this persistence as its curatorial premise, “Recursions: A Cartography of Unfinished Grounds” follows the cycles of continuities and discontinuities that make and unmake Angola, past and present. It does so not to affirm linear causality, but to attend to what I call a “logic of reappearance,” that is, the ways conquest and empire, modernity’s landscapes and theatrics, stubbornly return across shifting times, scales, and sets of techniques. Crucially, recursion here steers our attention to the ground as a site of historical inscription. As matter, as terrain of memory, as stage for projection, and as condition for possibility. It names a praxis attuned to the simultaneity of times, inviting us to consider how colonial-imperial abstractions are encoded and cited in today’s extractions; how post-independence nation-building collapses into ongoing struggles, and how structural inheritances continue to structure contemporary Angola lifeworlds. While the exhibition locates its primary coordinates in Angola, its horizons inevitably turn outward, toward relation, and to broader questions about the afterlives of empire, the politics of ruins, and how to inhabit worlds where futures, repeatedly interrupted, can be imagined otherwise.

As such, “Recursions” gathers four contemporary Angolan artists—Kiluanji Kia Henda, Flávio Cardoso, Lilianne Kiame, and Raul Jorge Gourgel—whose works move within and against the paradoxes of shifting modernities: their promises, their failures, and their restless afterlives. Through photography, film, sculpture, installations, and paintings, the exhibition assembles a map without fixity. It intersects artistic, architectural, and investigative practices to test new coordinates for collective imagination, while asking what forms of attention are needed to stay with the unfinished as possibility.

At the center of this return stand the works of **Kiluanji Kia Henda**, whose prints, films, and sculptures unsettle the architectures of progress. Kia Henda locates the memory-work of ruins: unstable and fragmentary. From the Namib desert to facades scarred by decades of armed conflict, his images oscillate between the intimate and political, between apparition and disappearance, permanence and transience. Where colonial ambition gives way to decay, speculative skylines dissolve into sand, and city walls turn into records of civil war, foreign intervention, and propaganda, his works reckon with progress as inherently precarious and fraught. In these spaces, history lives as much in those counter-archives that press against state-sanctioned narratives. From this ground, the exhibition extends outward, unfolding in dialogue.

Turning his lens to fragments, **Flávio Cardoso** maps residual landscapes of technological modernity. His practice traces an itinerary across shorelines littered with electronic waste, circuitry carried by the tide, and deserted factories that line the Lobito Corridor, the historic railway stretch connecting the port of Lobito in Angola to the Katanga Province in the D.R. Congo. Once built to anchor imperial ambitions, later overtaken by time and neglect, these vast

infrastructures become sites where temporalities collapse. They pull together past and future, discard and possibility, to reassemble material evidence of obsolescence back into a history. It is in rust, ruin, and silence that Cardoso locates his point of departure to reanimate new constellations and connections from debris, insisting to us that what remains can still generate.

Where Kia Henda and Cardoso reveal collapse and decay, **Lilianne Kiame** paints through suspension and the unfinished architectures of Angola's oil boom: from sun-bleached skeletal towers halted mid-construction, to hollow glass shells, scaffolds frozen against the sky, and prefabricated concrete slabs awaiting their cover. Once celebrated as monuments to prosperity, these skeletal forms now stand as reminders of unfulfilled futures, of evaporated investments, and of promises withheld as they bear witness to the volatility of extractive capital. However, instead of settling into mourning, Kiame's paintings register suspension as threshold. In this indeterminate space between progress and abandonment, she recasts incompleteness as opening, where frozen scaffolds and concrete skeletons appear as material invitations to rehearse other rhythms and improvised forms of life.

If Kiame and Cardoso engage suspension and debris, **Raul Jorge Gourgel** turns to ritual, to fire, to the body. Their installations summon objects, emblems, and symbols tied to nationhood and the transmutation of *Angolanidade*, only to render them fragile and combustible. At once intimate and institutional, fragile and charged, these conflations of self and nation become affective vessels for reinterpretation and contestation. Through performance, Gourgel stages their ignition to interrogate inheritance as something strained and unfinished, asking what should be preserved and transmitted,

what must be released, and how national identity might be tended to as a volatile, ongoing negotiation.

Across these four practices, "Re-cursions" collapses timescapes, inviting us to revisit the hauntings structured by difference, yet restaged under new terms and conditions. It reactivates narratives left dormant, not as footnotes or citations, but as rhythm and breath. This is recursion at work: an interlocking of presents, pasts, and futures that retain their depths of other presents, pasts, and futures – each bearing, altering, and maintaining the previous ones, to echo Achille Mbembe. And so, to inhabit ruins, suspensions, fragments, and combustions is to apprehend incompleteness as presence shaping the possibilities for life in its multiple forms and constellations. Incompletion here points to a set of coordinates for new orientations: those that propel a reckoning with the unresolved, unsettled, and open-ended, while we reach for horizons and uncharted futures still in the making. Not despite, but *though*, the unfinished.

Margarida Waco

### Flávio Cardoso

Flávio Cardoso grew up in Luanda, Angola surrounded by the early cyber worlds of dial-up internet, video games, and satellite TV. During the 1992 massacre in Luanda, his father brought home an old IBM PC to keep him indoors—an encounter that sparked his fascination with technology. Trained as a software developer, Cardoso worked in engineering before turning to photography as a way to confront feelings of estrangement from his environment. What began as a hobby evolved into a full-time artistic practice, where he explores the intersections of technology, alienation, and colonial legacies. Working with photography, video, color, and immersive installations, Cardoso reflects on the effects of algorithmic governance and technocratic landscapes. His work continues to expand through residencies and collective exhibitions across Angola, Cabo Verde, and Nigeria.

### Lilianne Kiame

Lilianne Kiame was born in Luanda, Angola. Working across painting, sculpture, and installation, her practice weaves historical and cultural narratives to examine exploitation, extractivism, and the socio-economic realities shaping contemporary Angola. Kiame's recent solo presentation, *Land for Sale* (Inves- tec Cape Town Art Fair, 2025), brought together painting and sculpture to question land ownership and resource extraction. Her work has been included in *Artists for a New Tomorrow* (Jahmek Contemporary, Luanda, 2022), *Chibinda Ilunga, Places of Belonging* (Humboldt Forum, Berlin; Anthropology Museum, Luanda, 2022), and *Open Studio – Art School Alliance* (Karolinenstrasse, Hamburg, 2024). Kiame also contributed to the Forward Art Stories Collection with a commission for the collective exhibition *Visions of the Ephemeral*. In 2024, Kiame was a researcher-in-residence at Hochschule für Bildende Künste Hamburg, leading a course on space-making and light. Currently, Kiame is the production designer for the Angolan sci-fi film 'Hold Time for Me', further expanding her multidisciplinary approach to storytelling.

### Kiluanji Kia Henda

Kiluanji Kia Henda lives and works in his hometown of Luanda, Angola. His artistic practice spans photography, video, performance, installation, and music, using art as a means to construct and reinterpret history. Through fictional narratives, Kia Henda repositions historical events within new contexts and temporalities, reflecting on identity, politics, and imaginaries of modernity in Africa. His work offers alternative readings of the past and opens up space for possible futures, turning art into a territory for critical thinking on memory, power, and social transformation. Kiluanji Kia Henda's work has been presented in major international institutions and events, including the 60th Venice Biennale, Centre Georges Pompidou, Migros Museum, International Film Festival of Rotterdam, 2nd Lubumbashi Biennale, 12th Gwangju Biennale, Tate Modern (London), Guggenheim Museum (Bilbao), 3rd New Museum Triennial

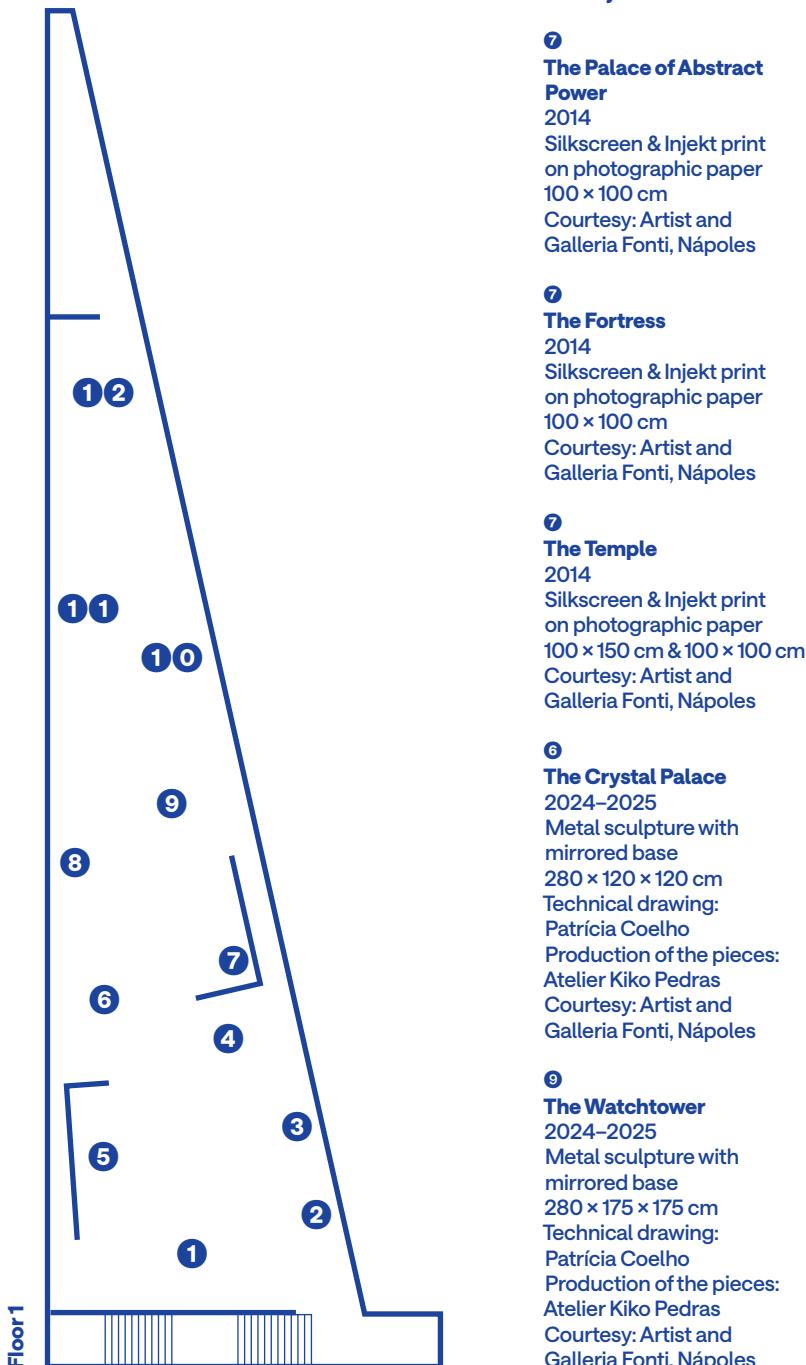
### **Margarida Waco**

Margarida Waco is an architect, writer, and currently a doctoral candidate at the Institute for the History and Theory of Architecture (gta) at ETH Zürich, Switzerland. She has recently served as the Head of Strategic Outreach of The Funambulist, directed and taught an architectural design studio at the Royal College of Art in London, and has practiced in architectural offices across Copenhagen, Paris, and Stockholm. Waco's works have been exhibited and presented at the 18<sup>th</sup> Venice Architecture Biennale, Architekturmuseum der TUM, Palais de Tokyo, Nyansapo Afrofeminist Festival, Malmö Art Museum, Form/Design Center, MAM – Mês da Arquitetura da Maia, and her writings have appeared in *Afterall*, *Archive of Forgetfulness*, *e-flux*, *Ellipses Journal of Creative Research*, *STOA Journal*, *Aprender a desaprender* (Dafne Editora, 2024), among others. Waco has co-edited a number of publications, including *Rehearsals: Toward an Economy of Care and Repair* (2025), *Homeplace – A Love Letter* (Architekturmuseum der TUM, 2023), *Pan-Africanism* (The Funambulist, 2020), and co-authored *Informal Horizons: Urban Development and Land Rights in East Africa* (Royal Danish Academy, 2019).

### **Raul Jorge Gourgel**

Raul Jorge Gourgel is a multidisciplinary artist and researcher currently working between Luanda and Cape Town. Born in Luanda in 1999, 3 years before the end of the Angolan "civil" war, they grew up as the nation reconfigured itself and recovered from decades of conflict. Raised by a single mother within a family rooted in revolutionary nationalism, they were immersed in the narratives of nationhood and of the war that shaped the societal memory of their childhood, as Angola grappled with its collective trauma. Their practice emerges from a dialogue between this formative experience and a profound interest in processes that foster collectivized ways of being and knowing. Gourgel is interested in the gap between Land and Nation, along with the tensions and constant effort to bridge them. Their work is concerned with understanding trauma, dissecting how the construct of the Nation informs collective identity, and in turn, shapes the individual's existential vocabulary. This entails a continuous revisiting of historical and contemporary moments through both personal and collective experience.





**Series:  
A City Called Mirage**

The series of photographs, screen prints, and linear sculptures *A City Called Mirage* is based on the sona, sand drawings from the Lunda Tchokwe tradition, traced by storytellers as they narrate fables. These are true narrative constructions, where the plot is condensed into ephemeral lines—an analogy to the transient nature of cities. Kia Henda translates this visual language into three-dimensional space, creating imaginary structures in the desert—skeletal buildings that evoke both ruins and works in progress. These ambiguous forms reflect the mirage on the urban horizon of many cities, marked by unfinished projects and suspended futures, where progress and decay coexist within the same line.

- ③**  
**Wall and Politics I**  
**“We are in Africa a reference point, and a permanent target of aggression”**  
2006  
Injekt print on Fine Art paper  
70 × 100 cm  
Courtesy: Artist and Galleria Fonti, Nápoles

**③**  
**Wall and Politics II**  
**“The Marxism gives us the fair idea, and the struggle gives us the victory”**

2006  
Injekt print on Fine Art paper  
70 × 100 cm  
Courtesy: Artist and Galleria Fonti, Nápoles

**③**  
**Wall and Politics III**  
**“We are ready to smash any attempt to disrupt peace in our territory”**

2006  
Injekt print on Fine Art paper  
70 × 100 cm  
Courtesy: Artist and Galleria Fonti, Nápoles

**③**  
**Wall and Politics IV**  
**“Work is the power engine of society’s development”**

2006  
Injekt print on Fine Art paper  
70 × 100 cm  
Courtesy: Artist and Galleria Fonti, Nápoles

**Series:  
Wall and Politics**

In this early photographic series, *Wall and Politics*, Kiluanji Kia Henda documents political inscriptions left on the walls of Namibe: traces of resistance, propaganda, and survival that still echo Angola’s long civil war (1975–2002). These faded fragments, often drawn from Marxist rhetoric or wartime slogans, reflect the deep imprint of Cold War ideologies on Angolan soil and public space.

By turning toward these everyday surfaces, Kia Henda transforms the city into a fragile archive, where memory, politics, and lived experience written into stone invite a reckoning with histories still unresolved.

**④**  
**Phantom Pain**  
**– A Letter to Henry Kissinger**

2020  
Single channel video,  
8 mins 33 sec  
Courtesy: Artist and Goodman Gallery, Johannesburg

In this short film, Kiluanji Kia Henda returns to the street of his childhood, where a cinema, a church, and an orthopaedic centre still bear witness to Angola’s long civil war (1975–2002). Framed as a letter to former U.S. Secretary of State Henry Kissinger, the work connects personal memory to the wider entanglements of Cold War politics and foreign intervention. What unfolds is both intimate and political: a reflection on how foreign intervention leaves lasting scars on everyday life, and how memory becomes a way of living with history’s unfinished wounds.

11

## The Flowers of Burnt Oil

2025

7 screen prints and 7 paintings with burnt oil on textile  
100 × 70 × 5 cm (each)  
Courtesy: Artist and Galleria Fonti, Nápoles

In this series of screen prints on raw cotton, flowers printed with burnt automotive oil reveal the contradiction between nature and industry. The depicted species evoke the names of Angola's main oil fields—a floral language used to mask the ecological violence of extractivism, upheld as a myth of progress that conceals its own devastation. The use of burnt oil—a toxic residue from an economy dependent on fossil fuels—is not a mere material coincidence, but a physical inscription of ecological impact. Thus, the work operates between denunciation and elegy: a visual poem in which beauty and ruin merge and oppose each other.

## Lilianne Kiame

8

### Figure I

2025

Oil on canvas  
90 × 90 × 5 cm  
Courtesy: Artist and Jahmek – Contemporary Art, Luanda

8

### Figure II

2025

Oil on canvas  
130 × 130 × 5 cm  
Courtesy: Artist and Jahmek – Contemporary Art, Luanda

8

### Figure III

2025

Oil on canvas  
130 × 130 × 5 cm  
Courtesy: Artist and Jahmek – Contemporary Art, Luanda

8

### Figure IV

2025

Oil on canvas  
200 × 200 × 5 cm  
Courtesy: Artist and Jahmek – Contemporary Art, Luanda

### Series:

#### Figure I-IV

Through a series of four oil paintings, Lilianne Kiame turns to construction sites suspended mid-process: Steel scaffolding, exposed concrete, and traces of red mesh speak to ambitions halted and the interrupted rhythms of Angola's oil-driven economy, where architectural ambition often gives way to stillness. Drawing from earlier gouache studies, Kiame renders these spaces with quiet attention, tracing how water, vegetation, and birds begin to reclaim what was left behind. In this interplay between progress and pause, the works reflect on incompleteness as threshold, where the built environment yields to other temporalities and improvised forms of life.

## Flávio Cardoso

2

### The Rest is Silence II

2025

Inkjet print on fine art matte paper  
140 × 90 cm  
Courtesy: Artist

2

### The Rest is Silence I

2025

Inkjet print on Fine Art matte paper  
70 × 46 cm  
Courtesy: Artist

### Series:

#### The Rest is Silence

Flávio Cardoso's photographic series, *The Rest is Silence*, documents sections of the Lobito Corridor, the railway line connecting Angola's Atlantic coast to the Katanga Province in the D.R. Congo. Focusing on the stretch between Benguela and Angola's central highlands in Huambo, Cardoso captures disused railways, abandoned factories, and other material traces of colonial-era infrastructure. Originally built to serve the export of raw materials, these structures now stand in disrepair as quiet witnesses to conflict, neglect, and economic transition. Through careful composition and attention to atmosphere, Cardoso reveals industrial landscapes suspended between extractive pasts and uncertain futures, where rust, ruin, and silence hold memory in place.

5

**Archeology of****Former Futures**

2019–2025

15 inkjet prints on Fine Art  
matte paper  
60 × 40 cm (each)  
Courtesy: Artist

In the second movement of the trilogy of works presented here, Flávio Cardoso shifts between observing decaying infrastructures to constructing miniature versions of his own. Using discarded electronics and plastic debris collected along the shore, he stages fragile industrial scenes: grids, enclosures, and broken circuits that mirror the spatial logic of the abandoned factories seen along the Lobito Corridor. By combining real-world decay with imagined forms, Cardoso explores how both technology and industry rise, break down, and begin again. In these works, decay becomes a way of recording time, showing that even in disintegration, something of the past remains.

10

**The Final Witness**

2025

Inkjet print on Fine Art  
matte paper  
60 × 40 cm  
Courtesy: Artist

As a closing note to a visual essay on destruction, decay, and broken cycles, Flávio Cardoso presents a final image of two owls occupying an abandoned industrial slaughterhouse in Huambo. Captured in near-darkness, their presence suggests both the retreat of human

activity and the return of the natural world.

These creatures, silent and watchful, inhabit a space once defined by mechanical death. Their reflective gaze offers a non-human perspective to the ruins we leave behind, becoming guardians of a forgotten place and witnesses to an era shaped by systems of efficiency, control, and collapse.

**Raul Jorge Gourgel**

1

**Study of a Flag**

2022–2025

Sculpture in wood  
Firewood, wood glue  
and metal nails  
120 × 180 × 30 cm (aprox.)  
Courtesy: Artist

Opening the exhibition, Raul Jorge Gourgel invites us to return to the ground in Angola, as physical matter and a place of memory, contestation, and possibility. In this installation, Gourgel stages firewood to explore the flag as both object and affective vessel. Drawing from a pivotal childhood memory, they trace how an ordinary material is transformed into a carrier of instruction, allegiance, and emotion. In moving between personal recollection and collective symbolism, the work reveals the flag not as a fixed icon but as a mutable surface, at once intimate and institutional, fragile and charged, but always open to reinterpretation.

12

**An Ostrich Learns****to Fly**

2023

Single channel video  
5 min 55 secInstallation with wooden  
table, 'anointing' oil,  
glass bowl, velvet,  
candles in candlesticks  
Courtesy: Artist

As a closing note, this installation sees Raul Jorge Gourgel strap parade flag belts around their body until the line between nation and self fades. This performance reflects how ideas of Angolan identity, shaped after independence and during the Angolan Civil War (1975–2002), were always imagined but never fully settled. In moving between strength and vulnerability, Gourgel explores identity as something performed, stretched, and unfinished. The work stands as both an act of embodiment and an act of mourning, expanding the conversation about how national symbols and personal histories intertwine and evolve.





Flávio Cardoso, série O Resto é Silêncio / The Rest is Silence series, 2025

# Estado de espírito

Curadoria João Laia

Mariana  
Caló  
e  
Francisco  
Queimadela

Ao longo de mais de quinze anos, Mariana Caló e Francisco Queimadela têm explorado o filme e o vídeo, recorrendo a técnicas analógicas e digitais, assim como à fotografia, ao desenho e à escultura, para formular, na sua prática artística, um abraço amplo das histórias do cinema e da cultura visual.

**Estado de espírito** reúne uma vasta seleção de obras, incluindo trabalhos inéditos, que tem como fio condutor a ideia de comunidade, que na perspetiva da dupla resulta do diálogo entre cultura e natureza. Dinâmicas sociais como costumes, crenças, hábitos e ritos relacionados com as estações do ano, o trabalho no campo, a família ou a oralidade e a espiritualidade ancestrais levam a dupla a criar imagens que oscilam entre luz e sombra, como fábulas que retratam o carácter efémero e transitório da vida.

Enquanto recorte do universo de Caló e Queimadela, **Estado de espírito** é um ambiente imersivo próximo do sonho, que documenta a magia inerente às várias possibilidades vividas e imaginadas do quotidiano. A exposição surge como um palco onde se encenam exercícios de devoção, memória e prazer. É uma prova de resistência delicada e suave que encontra força em detalhes e gestos perdidos na voragem dos dias; um convite a desacelerar ritmos vorazes de consumo para praticar um afeto sensível ao que parecemos ter esquecido.

**Estado de espírito** é a mais ampla apresentação do trabalho de Mariana Caló e Francisco Queimadela.

### **Programa Público**

15.11.2025 — 17:00

#### **Inauguração**

22.11.2025 — 15:00

#### **Visita Guiada**

com Mariana Caló e Francisco Queimadela

17.01.2026 — 15:00

Concha Acústica, Jardins do Palácio de Cristal

#### **Apresentação de Mural Coletivo**

17.01.2026 — 17:00

Capela Carlos Alberto, Jardins do Palácio de Cristal

#### **Sessão de Escuta**

com Quarto Mundo

29.01.2026 — 19:00

#### **Conferência**

Uma visão cósmica do capitalismo tardio por Joel Vacheron

### **Visitas Guiadas**

06.12.2025 + 03.01.2026 + 07.02.2026

(sábado) — 15:00



Mariana Caló e Francisco Queimadela © Mariana Caló e Francisco Queimadela

Sonho com estas imagens. São elas que me dão de beber e me acariciam o pêlo.

Examinou as flores e comove-me o labor das abelhas. Construir um princípio vivo.

Preciso das tuas mãos que me desenham pistas no dorso e formam carreirinhos com o futuro das pedras. Costumas pensar no futuro das pedras?

Durmo ao relento e à noite os meus olhos cobrem-se de imagens que me tingem os sonhos: a candura da neve. Cão, criança, abelha, ruína, pedra, pau, fogo, folha. Asa de borboleta a enumerar hipóteses. A minha cauda a fazer perguntas. Que será de nós sem Clorofila, a menina com braços de árvore que ninguém comprehendia?

Com esta pata invento geografias amorosas. Verter leite morno na forma do desejo e assistir ao desaguar desta imagem no riacho onde os humanos perdem o rosto porque não se reconhecem na transpiração da água. Vês? A nossa língua é o depois.

Deixa o insecto pousar-te na mão e descobrir o teu mapa secreto de constelações. Nelas intuis a idade dos astros e eu comparo-a com a dos humanos. Peço-te: deixa-me ser o aprendiz do vulcão e curar as feridas da terra como os antigos. Fazer poções com mel e água da chuva e dormitar ao ouvido do vento. Ser círculo e Serpente. Sonhar no sono do Outro.

Vejo luzes e sombras e a forma de seres à espera para serem reconhecidos. Às vezes sou uma imagem mas tenho um princípio próprio. Como reconhecer o mutante? — Perguntas.

Avanço por este fio de água que me recorda o início. Viver inteiro no vermelho, saber sem conhecer. Seguir um rasto de afecto vidente. A criança a escavar passagens secretas na boca dos animais. Devíamos jogar com as sombras e arriscar cartografar mapas sensíveis. Ensaiar cicatrizes no colo celeste da neblina da antemanhã e largar na terra as sementes distintas da imaginação.

E depois, como em outrora, abrir os olhos e chamar por alguém

Rita Anuar

## Mariana Caló e Francisco Queimadela

Mariana Caló e Francisco Queimadela vivem e trabalham no Porto e colaboram enquanto dupla desde 2010. A sua prática é desenvolvida através de um uso privilegiado da imagem em movimento tanto através da realização de filmes, como na intersecção com ambientes instalativos e site-specific, em conjugação com desenho, pintura, fotografia ou escultura. No seu trabalho artístico expressam recorrentemente o interesse pelo diálogo entre o biológico, o vernacular e o cultural.

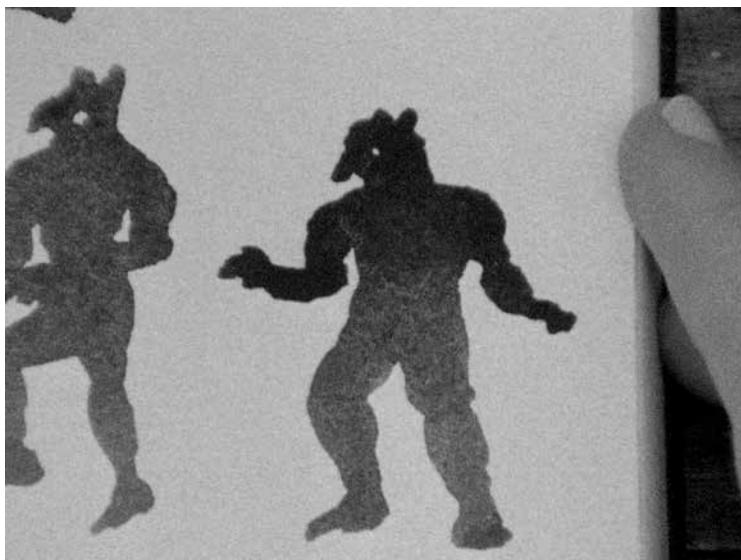


*Pino Invertido / Headstand, 2020*



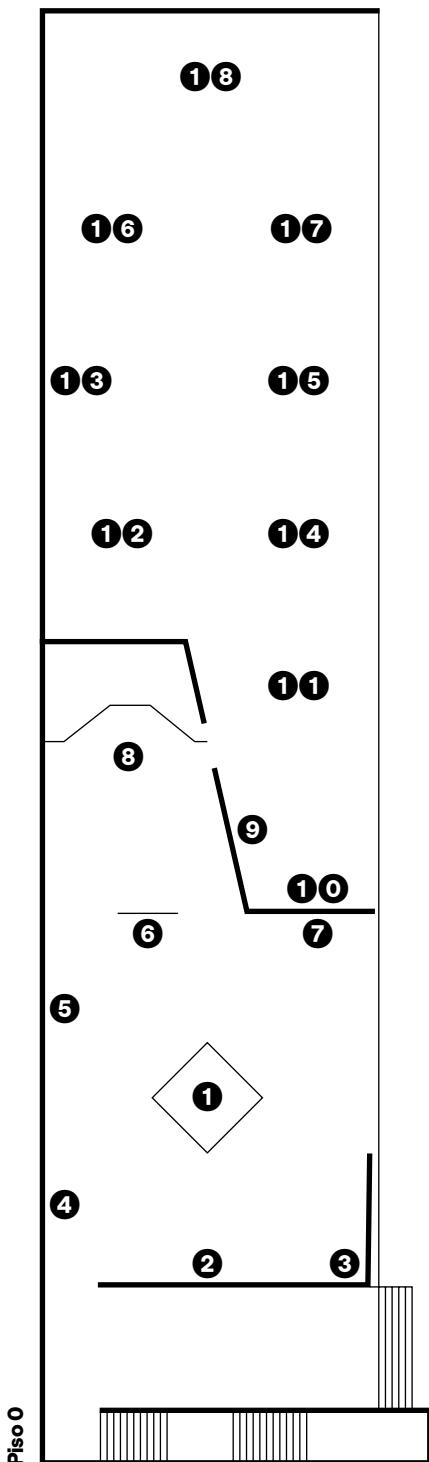
*Subir e Sumir / Rise and Disappear, 2022*

*Livro da Sede — Diabretes / The Book of Thirst — Devils, 2015*



*Porta-corpo Corpo Radial / detail Radial Body, 2020 © André Cepeda*





**1**  
**Sala da Memória para Corpo Radial**  
2020  
Estrutura tridimensional em madeira e painéis de seda pintados à mão  
343 x 343 x 295 cm  
Coleção de Arte Contemporânea do Estado

Esta instalação partiu de uma serigrafia produzida pelos artistas em 2013 inspirada nas gravuras dos "Teatros de Memória" de Robert Fludd (1574-1637). Através de uma estrutura arquitetônica de luz e cor, os artistas criam um espaço de relação íntima e imersiva com as obras. Ao habitar este lugar imaginário, o visitante torna-se agente ativo, potencialmente radial, num campo de relações com as imagens à sua volta, movendo-se entre introspecção e expansão, entre a sua própria memória e a abertura sensorial para o cosmos.

**2**  
(esq. — dir.)

**Vegetal de luz**  
2021  
Serigrafia  
25 x 65 cm

**Pino Invertido**  
2020  
Serigrafia  
50 x 65 cm

**Alvor**  
2020  
Serigrafia  
65 x 50 cm

**Borboletas, calor e luz**  
2021  
Guache sobre papel  
30 x 40 cm

<b>Estrela</b> 2020 Serigrafia 56 x 76 cm	gesto de uma pessoa que o socorre, confundem-se. Estamos presos na dualidade sensorial e emocional, entre o derrame voluptuoso do leite e o grito silencioso de um reflexo, que transformam um gesto doméstico em imagem de sonho e de memória.	<b>6</b> <b>Tijoleira Marciana</b> 2015 Filme 16mm transferido para vídeo, 3'00"
<b>Extraterrestre</b> 2020 Serigrafia 56 x 76 cm		Em <i>Tijoleira Marciana</i> , imagens em movimento exploram as manchas, fungos e pequenos seres existentes que habitam uma parede de terracota. A superfície transforma-se numa paisagem imaginária, onde o detalhe microscópico revela a vitalidade da matéria. O filme propõe uma deriva sensorial pela relação entre matéria, percepção e o pulsar de diferentes escalas e habitantes.
<b>Vénus</b> 2020 Serigrafia 56 x 76 cm	<b>④</b> <b>A trama e o círculo</b> 2014 Pintura em guache 120 x 78 cm	
<b>Espantos</b> 2020 Guache sobre papel 35 x 50 cm	A pintura em guache <i>A trama e o círculo</i> foi realizada para o filme homónimo de 2014. Desenvolvida pela dupla de artistas ao longo de vários meses, esta curta-metragem foi o resultado de uma recolha de várias ações do quotidiano: do labor a práticas lúdicas, baseadas no conhecimento empírico. Este desenho abstrato sugere a imagem de um mapa ou de uma trama que descreve a cadeia de gestos que acompanhamos ao longo do filme.	
<b>Disco Celeste</b> 2020 Guache sobre papel 35 x 50 cm		<b>⑦</b> <b>Livro da Sede — Diabretes</b> 2015 Filme 16mm transferido para vídeo, 2'44"
<b>Levitante forma de ar</b> 2021 Serigrafia 50 x 65 cm	<b>Levitante forma de ar</b> 2021 Serigrafia 50 x 65 cm	<i>Livro da Sede</i> explora o imaginário entre o humano e o animal, o instinto e o ritual. Através da sobreposição de desenho e fotografia, os artistas refletem sobre a relação entre sede e curiosidade, enquanto referências ao impulso vital e desejo de conhecimento. <i>Livro da Sede — Diabretes</i> reúne uma série de desenhos de figuras demoníacas em diferentes poses antropomorfizadas, dissolvendo fronteiras entre corpo e natureza, humano e besta.
Conjunto de desenhos realizados entre 2020 e 2021 que prolongam, no plano bidimensional, o universo simbólico da instalação <i>Sala da Memória para Corpo Radial</i> . Criados em serigrafia e guache sobre papel, apresentam-se como coreografias visuais e composições gestuais que exploram relações entre forma e cor.	<b>⑤</b> <b>Lua e Hippie</b> 2025 Fotografias a cores em médio formato, impressão Fine Art 67 x 57 cm	<b>⑤</b> <b>Lua e Hippie</b> 2025 Fotografias a cores em médio formato, impressão Fine Art 67 x 57 cm
<b>③</b> <b>Leite transbordante</b> 2019 Filme 16 mm transferido para vídeo HD, PB, som, 4'47", loop	<i>Lua e Hippie</i> é uma série de doze fotografias que retrata diferentes poses simétricas de dois coelhos anões. Entre o registo documental e o gesto performativo, este trabalho fotográfico explora a relação entre a quietude do corpo animal e a presença do olhar humano.	<b>Domesticar há Milénios</b> 2019 Filme 16mm transferido para vídeo, cor, som, 6'00" Coleção Municipal de Arte do Porto
Na imagem filmica de uma cafeteira onde o leite ferve e extravasa, surge o reflexo de uma mulher. Num ciclo hipnótico, a imagem visível do leite a derramar e o		Em <i>Domesticar há Milénios</i> , uma criança amassa o pão com mansidão elementar.

Ocorre uma transferência entre o alimento primário e sua natureza alegórica. Há uma associação entre a aparência bravia dos seres escupidos nos capitéis de uma igreja e as suas expressões de natureza infantil. Indefinição da pedra gasta e da iconografia de difícil explicação, semelhança entre figuras em pão e em pedra.

### ❸ Sinais de Fumo

2020—2025  
Instalação multicanal

*Sinais de Fumo* é um dispositivo multicanal que reúne vários filmes e imagens projetadas, produzidas em contextos e proveniências distintas. A partir desta articulação, a obra apresenta-se como um atlas de imagens em movimento, formando um aparato discursivo onde diferentes temporalidades e territórios se cruzam. Nesta ocasião é apresentado um conjunto de filmagens realizadas durante a Queima do Galheiro, prática que tem lugar na freguesia de Fradelos, pela altura do Carnaval. O título — *Sinais de Fumo* —, convoca o imaginário ancestral das técnicas através do fogo, evocando o desejo dos artistas em explorar outros modos e formas de comunicação que vão para além dos cânones estabelecidos. Através da simultaneidade das imagens em movimento, surgem outras possibilidades de interpretar e traduzir o real.

❹ **Sombras Levitantes**  
2022  
Acrílico sobre tela  
70 × 120 cm

**Carma Invertido**  
2025  
Acrílico sobre tela  
70 × 120 cm

**Sombras Levitantes e Carma Invertido**  
evocam formas em suspensão que exploram o diálogo entre corpo e luz. Da sombra ao gesto pictórico, as diferentes figuras fluídas revelam uma coreografia silenciosa, onde desenho e movimento se fundem.

❺ **Águas e Espelhos**  
2022  
Filme 16mm transferido para vídeo,  
4:3, cor, som, 8'30"  
Coleção Municipal de Arte do Porto

**Águas e Espelhos** acompanha o diálogo entre os cursos de água da Mata do Bussaco e os reflexos vegetais, animais e humanos. A interação com a superfície líquida surge com o mergulho de um espelho, revelando a presença inesperada de diferentes criaturas e sombras. O filme transforma a observação da água numa experiência sensorial, sugerindo uma relação íntima com a memória, a natureza e a efemeridade da própria matéria.

❻ **Quasi Lua em Trânsito**  
2025  
Instalação com projeção de desenho em luz, espelho, lanterna mágica, motor rotativo  
Acrílico sobre tela  
120 × 180 cm  
Acrílico sobre MDF  
30 × 45 cm

Explorando o instante fugaz em que luz e imagem coincidem, uma projeção rotativa percorre o espaço, alinhando-se por breves momentos com a sua forma refletida. À semelhança de um sonho, *Quasi Lua em Trânsito* evoca um movimento transitório e cílico que atravessa o tempo e o espaço, sugerindo repetição, passagem e transformação.

❻ **Meia-Noite**  
2019  
Retroprojeção de 6 vídeos, cor, som, 15'43"

No limiar entre o dia e a noite, a obra *Meia-Noite* explora os fluxos e atravessamentos entre os mundos visíveis e invisíveis. Formas vegetais e fragmentos de diferentes corpos dissolvem-se num azul profundo, através de um processo analógico de cianotipia. Entre matéria e sonho, a obra propõe uma experiência sensorial que revela a ligação entre o humano, o natural e o onírico.

<p><b>13</b>  <b>Fogo Lácteo — Monotopias</b>  2019  Série de monotipias, óleo sobre papel, 50 × 70 cm cada</p>	<p>seguem o ritmo do quotidiano e se dissolvem na materialidade do rural.</p>	<p>Linha, cor e símbolo surgem de forma contínua e desenfreada, reforçando a ideia de repetição e movimento.</p>
<p><b>14</b>  <b>Fogo Lácteo — Chaminés</b>  2019  Escultura 1  50 × 135 × 252 cm  Escultura 2  100 × 100 × 300 cm  Escultura 3  93 × 67 × 350 cm</p>	<p><b>15</b>  <b>Aceredo</b>  2025  Filme 16mm transferido para vídeo, 3'00"</p>	<p><b>16</b>  <b>Pino Invertido</b>  2025  Instalação, 2 painéis de seda pintados, projeção de diapositivos</p>
<p>O conjunto de três peças escultóricas integra a instalação <i>Fogo Lácteo</i> e resulta de uma residência artística realizada pelos artistas nos Açores. As formas das esculturas evocam as chaminés avistadas entre as ilhas de Santa Maria e São Miguel, aludindo a uma paisagem distante através de uma relação mimética com a memória desse património arquitetónico.</p>	<p><b>17</b>  <b>Aceredo</b>  2025  Filme 16mm transferido para vídeo, 3'00"</p>	<p><b>18</b>  <b>Pino Invertido</b>  2025  Instalação revisita a composição formal homónima de 2020, transpondo-a da bidimensionalidade do papel para a tridimensionalidade da seda pintada. Num gesto de movimento, a cor adquire corpo e revela a passagem do plano à matéria.</p>
<p><b>19</b>  <b>Subir e Sumir</b>  2022  Filme 16mm transferido para vídeo, 16'16"</p>	<p><b>20</b>  <b>Fio Condutor</b>  2013  Instalação, projeção diapositivos  Filme 16mm transferido para vídeo, cor, s/som, 3'30"</p>	<p><b>19</b>  <b>Adoração ao Sol</b>  2025  Instalação, 14 painéis de seda tingidos e pintados, projeção de desenhos em luz, espelhos, lanternas mágicas, motores rotativos</p>
<p><b>21</b>  <b>Unidade de Coincidência</b>  2010  Filme de 16mm, cor, loop</p>	<p><b>22</b>  <b>Unidade de Coincidência</b>  2010  Filme de 16mm, cor, loop</p>	<p><b>20</b>  <b>Adoração ao Sol</b>  2025  Instalação, 14 painéis de seda tingidos e pintados, projeção de desenhos em luz, espelhos, lanternas mágicas, motores rotativos</p>
		<p>A instalação <i>Adoração ao Sol</i> apresenta um conjunto de formas semicirculares suspensas em telas de seda retro iluminadas, projetando sobre o espaço composições de cor em contínua transformação. Ao expandirem-se para além da tela, as imagens surgem como uma dança de cor e de abstração, projetadas através de "vitrais" geométricos. Imerso pela cor e pela luz, o espaço torna-se um lugar de introspecção e contemplação.</p>

**State of spirit**

Curated by **João Laia**

**Mariana  
Caló  
and  
Francisco  
Queimadela**

Over the course of more than fifteen years, Mariana Caló and Francisco Queimadela have explored film and video, employing both analogue and digital techniques, as well as photography, drawing and sculpture, to formulate within their artistic practice an expansive embrace of the histories of cinema and visual culture.

**State of spirit** brings together a wide selection of works, including previously unseen pieces, united by the guiding thread of community — which, from the duo's perspective, emerges through the dialogue between culture and nature. Social dynamics such as customs, beliefs, habits and rituals associated with the seasons, agricultural labour, family life, or ancestral forms of orality and spirituality lead the artists to create images that oscillate between light and shadow, like fables that reflect the fleeting and transitory nature of life.

As a fragment of Caló and Queimadela's universe, **State of spirit** forms an immersive, dreamlike environment that documents the magic inherent in the many lived and imagined possibilities of the everyday life. The exhibition unfolds as a stage upon which acts of devotion, memory and pleasure are performed. It is a delicate and gentle test of endurance that draws strength from the details and gestures lost in the whirlwind of daily life; an invitation to slow down voracious rhythms of consumption and to nurture an attentiveness towards that which we seem to have forgotten.

**State of spirit** is the most comprehensive presentation to date of the work of Mariana Caló and Francisco Queimadela.

### Public Programme

15.11.2025 — 17:00  
**Opening**

22.11.2025 — 15:00  
**Guided Tour**  
with Mariana Caló and Francisco Queimadela

17.01.2026 — 15:00  
Concha Acústica, Jardins do Palácio de Cristal  
**Group Mural Presentation**

17.01.2026 — 17:00  
Capela Carlos Alberto, Jardins do Palácio de Cristal  
**Listening Session**  
with Quarto Mundo

29.01.2026 — 19:00  
**Conference**  
A cosmic vision of late capitalism by Joel Vacheron

### Guided tours

06.12.2025 + 03.01.2026 + 07.02.2026  
(Saturday) — 16:00

I dream of these images. They are the ones that quench my thirst  
and caress my fur.

I examine the flowers and am moved by the labour of the bees.  
To construct a living principle.

I need your hands to draw trails on my back and form little tracks  
with the future of the stones. Do you ever think about the future  
of stones?

I sleep outdoors and at night my eyes fill with images that dye my  
dreams: the purity of snow. Dog, child, bee, ruin, stone, stick, fire, leaf.  
Butterfly wing enumerating possibilities. My tail asking questions.  
What will become of us without Chlorophyll, the girl with tree arms  
whom no one understood?

With this paw I invent amorous geographies. Pour warm milk in the  
shape of desire and watch this image flow into the stream where  
humans lose their faces because they do not recognise themselves  
in the water's perspiration. Do you see? Our language is the after.

Let the insect land on your hand and discover your secret map of  
constellations. There you sense the age of the stars, and I compare  
it to that of humans. I ask you: let me be the volcano's apprentice and  
heal the earth's wounds like the ancients. Make potions with honey  
and rainwater, and nap to the wind's ear. Be Circle and Serpent.  
Dream in the Other's sleep.

I see lights and shadows and the forms of beings waiting to be  
recognised. Sometimes I am an image but I have my own principle.  
How to recognise the mutant? – Questions.

I move along this thread of water that reminds me of the beginning.  
To live fully in red, to know without knowing. To follow a trail of  
clairvoyant affection. The child digging secret passages in the  
mouths of animals. We should play with shadows and dare to map  
sensitive landscapes. Rehearse scars in the celestial lap of the dawn  
mist and plant in the earth the distinct seeds of imagination.

And then, as in times past, open the eyes and call out to someone

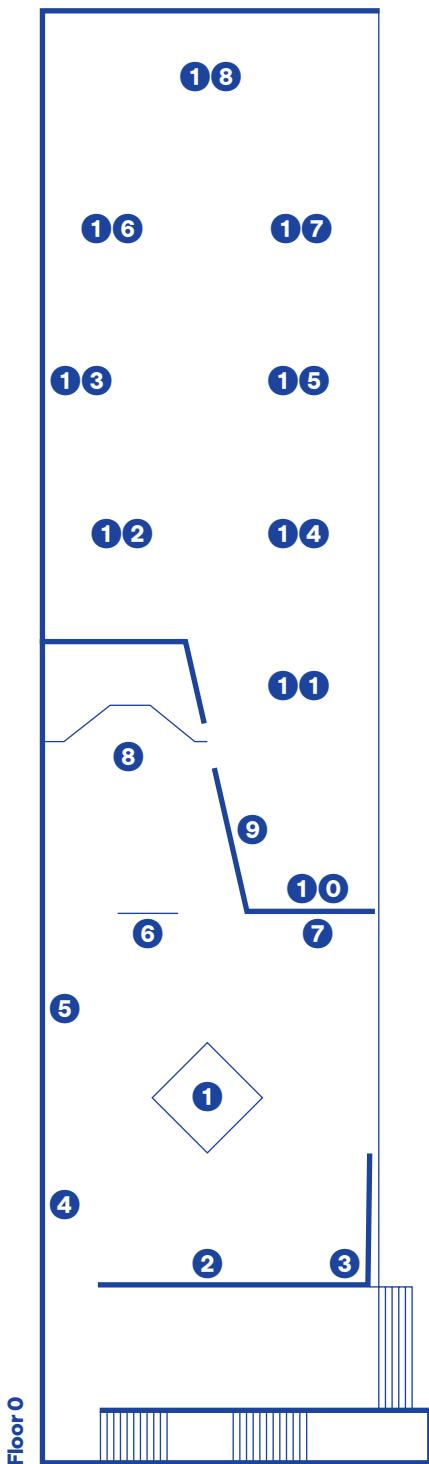
Rita Anuar

**Mariana Caló and  
Francisco Queimadela**

Mariana Caló and Francisco Queimadela live and work in Porto and have been collaborating as a duo since 2010. Their practice is developed through a particular focus on moving images, both through the production of films and in intersection with immersive and site-specific environments, in conjunction with drawing, painting, photography, and sculpture. Their artistic work consistently reflects an interest in the dialogue between the biological, the vernacular, and the cultural.



*Sinais de Fumo / Smoke Signals, 2020–2025*



1  
**Memory Room  
for Radial Body**  
 2020  
 Three-dimensional  
 structure in wood and  
 hand-painted silk panels  
 343 x 343 x 295 cm  
 State Collection of  
 Contemporary Art

This installation originated  
 from a screen print created  
 by the artists in 2013,  
 inspired by the engravings  
 of Robert Fludd's "Theatres  
 of Memory" [1574–1637].  
 Through an architectural  
 structure of light and colour,  
 the artists create a space  
 for intimate and immersive  
 engagement with the works.  
 By inhabiting this imaginary  
 space, the visitor becomes  
 an active, potentially  
 radial, agent within a  
 field of relationships  
 with the surrounding  
 images, moving between  
 introspection and  
 expansion, between their  
 own memory and a sensory  
 openness to the cosmos.

2  
**Light Plant**  
 2021  
 Screen print  
 25 x 65 cm

**Headstand**  
 2020  
 Gouache on paper  
 65 x 50 cm

**First Light**  
 2020  
 Gouache on paper  
 65 x 50 cm

**Butterflies, heat and light**  
 2021  
 Gouache on paper  
 30 x 40 cm

**Star**  
2020  
Screen print  
56 x 76 cm

**Extraterrestrial**  
2020  
Screen print  
56 x 76 cm

**Venus**  
2020  
Screen print  
56 x 76 cm

**Wondersments**  
2020  
Gouache on paper  
35 x 50 cm

**Celestial Disc**  
2020  
Gouache on paper  
35 x 50 cm

**Levitating air form**  
2021  
Screen print  
50 x 65 cm

A series of drawings created between 2020 and 2021 that extend, on a two-dimensional plane, the symbolic universe of the installation *Memory Room for Radial Body*. Executed in screen print and gouache on paper, they present themselves as visual choreographies and gestural compositions exploring the relationships between form and colour.

**③ Spilt milk**  
2019  
16 mm film transferred to HD video, B/W, sound, 4'47", loop

In the filmic image of a coffee pot where milk boils over, the reflection of a woman appears. In a hypnotic cycle, the visible

image of the spilling milk and the gesture of a person tending to it become intertwined. We are caught in a sensory and emotional duality, between the voluptuous overflow of the milk and the silent cry of a reflection, transforming a domestic gesture into an image of dream and memory.

**④ The Mesh and the Circle**  
2014  
Gouache painting  
120 x 78 cm

The gouache painting *The Mesh and the Circle* was created for the eponymous 2014 film. Developed by the artist duo over several months, this short film resulted from the collection of various everyday actions: from washing to playful practices based on empirical knowledge. This abstract drawing suggests the image of a map or a weave that traces the chain of gestures observed throughout the film.

**⑤ Lua and Hippie**  
2025  
Medium-format colour photographs  
Fine Art print  
67 x 57 cm

*Lua and Hippie* is a series of twelve photographs depicting different symmetrical poses of two dwarf rabbits. Positioned between documentary recording and performative gesture, this photographic work explores the relationship between the stillness of the animal body and the presence of the human gaze.

**⑥ Martian Tiles**  
2015

16mm film transferred to video, 3'00"

In *Martian Tiles*, moving images explore the stains, fungi, and small creatures inhabiting a terracotta wall. The surface transforms into an imaginary landscape, where microscopic detail reveals the vitality of the material. The film offers a sensory drift through the relationship between matter, perception, and the pulse of different scales and inhabitants.

**⑦ The Book of Thirst — Devils**  
2015

16 mm film transferred to video, 2'44"

*The Book of Thirst* explores the imaginary space between human and animal, instinct and ritual. Through the layering of drawing and photography, the artists reflect on the relationship between thirst and curiosity, while referencing the vital impulse and the desire for knowledge. *The Book of Thirst — Devils* gathers a series of drawings of demonic figures in various anthropomorphised poses, dissolving boundaries between body and nature, human and beast.

**Domesticating for Millenia**  
2019  
16mm film transferred to video, colour, sound, 6'00"  
Porto Municipal Art Collection

In *Domesticating for Millenia*, a child kneads bread dough with elemental gentleness. A transference between the primary food and its allegorical nature occurs. An association forms between the fierce appearance of the beings carved in the chapters of a church and their childish expression. Formless, worn stone and mysterious iconography, resemblance between the figures made of bread and stone.

**8**  
**Smoke Signals**  
2020–2025  
Multichannel installation

*Smoke Signals* is a multichannel installation bringing together various films and projected images produced in different contexts and origins. Through this arrangement, the work presents itself as an atlas of moving images, forming a discursive apparatus where different temporalities and territories intersect. On this occasion, the installation features footage captured during the *Queima do Galheiro*, a practice taking place in the parish of Fradelos around Carnival. The title—*Smoke Signals*—evokes the ancestral imagery of techniques using fire, reflecting the artists' desire to explore alternative modes and forms of communication beyond established conventions. Through the simultaneity of moving images, new possibilities emerge to interpret and translate reality.

**9**  
**Levitating Shadows**  
2022  
Acrylic on canvas  
70 × 120 cm

**Inverted Karma**  
2025  
Acrylic on canvas  
70 × 120 cm

*Levitating Shadows* and *Inverted Karma* evoke suspended forms that explore the dialogue between body and light. From shadow to painterly gesture, the fluid figures reveal a silent choreography, where drawing and movement merge.

**10**  
**Waters and Mirrors**  
2022  
16mm film transferred to video,  
4:3, colour, sound, 8'30"  
Porto Municipal Art Collection

*Waters and Mirrors* follows the dialogue between the watercourses of the Bussaco Forest and the reflections of vegetation, animals, and humans. Interaction with the liquid surface occurs through the immersion of a mirror, revealing the unexpected presence of different creatures and shadows. The film transforms the act of observing water into a sensory experience, suggesting an intimate relationship with memory, nature, and the ephemerality of matter itself.

**11**  
**Quasi Moon in Transit**  
2025  
Installation with light drawing projection, mirror, magic lantern, rotating motor  
Acrylic on canvas  
120 × 180 cm  
Acrylic on MDF  
30 × 45 cm

Exploring the fleeting moment in which light and image coincide, a rotating projection moves through the space, aligning for brief instants with its reflected form. Like a dream, *Quasi Moon in Transit* evokes a transient and cyclical movement that traverses time and space, suggesting repetition, passage, and transformation.

**12**  
**Midnight**  
2019  
Rear-projection of 6 videos, colour, sound, 15'43"

On the threshold between day and night, *Midnight* explores the flows and intersections between visible and invisible worlds. Plant forms and fragments of various bodies dissolve into a deep blue through an analogue cyanotype process. Situated between matter and dream, the work offers a sensory experience that reveals the connection between the human, the natural, and the oneiric.

<p><b>13</b>  <b>Lacteal Fire — Monoprints</b>  2019  Series of monoprints,  oil on paper  50 × 70 cm each</p>	of everyday life and dissolve into the materiality of the rural landscape.	continuously and unrestrained, reinforcing the sense of repetition and movement.
<p><b>14</b>  <b>Lacteal Fire — Chimneys</b>  2019  Sculpture 1  50 × 135 × 252 cm  Sculpture 2  100 × 100 × 300 cm  Sculpture 3  93 × 67 × 350 cm</p>	<p>Aceredo portrays the Galician village that disappeared in 1992 due to the construction of the Alto Lindoso Dam. During periods of water scarcity, the ruins re-emerge in the landscape, revealing streets, houses, and memories suspended in time. The recording of this ephemeral emergence transforms absence into trace, making visible the passage of time and the impact of human intervention.</p>	<p><b>17</b>  <b>Headstand</b>  2025  Installation,  2 painted silk panels,  slide projection</p> <p><i>Headstand</i> revisits the eponymous 2020 formal composition, transposing it from the two-dimensionality of paper to the three-dimensionality of painted silk. Through a gesture of movement, colour gains body and reveals the transition from plane to material.</p>
<p>The set of three sculptural pieces forms part of the <i>Lacteal Fire</i> installation and resulted from an artistic residency undertaken by the artists in the Azores. The shapes of the sculptures evoke the chimneys seen between the islands of Santa Maria and São Miguel, alluding to a distant landscape through a mimetic relationship with the memory of this architectural heritage.</p>	<p><b>Guiding Thread</b>  2013  Installation, slide projection  16mm film transferred to video, colour, silent, 3'30"</p>	<p><b>18</b>  <b>Sun Worship</b>  2025  Installation,  14 dyed and painted silk panels, projection of drawings in light, mirrors, magic lanterns, rotating motors</p>
<p><b>15</b>  <b>Rise and Disappear</b>  2022  16mm film transferred to video, 16'16"</p>	<p><b>Unity of Coincidence</b>  2010  16mm film, colour, loop</p>	<p><i>Rise and Disappear</i> begins with a ritual of milky cleansing and offers an experiential portrait of the passing days during the spring of 2020 in Trás-os-Montes. Amidst schist constructions, animal routines, and plant cycles, the artist duo records the passage of time across this territory. In the absence of a defined narrative or linear temporality, the work unfolds as a flow of perceptions, where moving images follow the rhythm</p> <p>A thread gravitates over a white circle, tracing circular drawings and revealing lead mouldings, while a sequence of slides presents symbolic cards and pieces reminiscent of a board game. From positive and negative compositions to geometric and formal relationships, the installation formed by <i>Guiding Thread</i> and <i>Unity of Coincidence</i> unveils signs and enigmas to be deciphered. Line, colour, and symbol emerge</p> <p>The installation <i>Sun Worship</i> presents a set of semicircular forms suspended on backlit silk panels, projecting continuously transforming colour compositions into the space. Extending beyond the panels, the images appear as a dance of colour and abstraction, projected through geometric "stained glass" structures. Immersed in colour and light, the space becomes a place of introspection and contemplation.</p>

**Aprender a ensinar, ensinar a aprender com Elvira Leite**  
Learning to teach, teaching to learn with Elvira Leite

**Curadoria**  
Curated by  
Matilde Seabra

**Assistência à curadoria e Desenho expositivo**  
Assistant Curator  
and Exhibition Design  
Pedro Galante

**Agradecimentos da artista**

Acknowledgements from  
the artist

Amanda Midori e/and  
Pedro Bastos, Ana e/and  
Jorge Policarpo, André Stern  
– Institut Arno Stern,  
Catarina Providência,  
Catarina Rosendo, Cristina  
Camargo com/with BOA  
Arts, Editoras Afrontamento,  
Leya e/and Pierrot Le Fou,  
Fátima Sarsfield Cabral,  
Mediação das Bibliotecas  
Municipais do Porto, Gil Maia,  
Isabel Gonçalves, Joana Correia,  
João Fernandes, Joaquim  
Azevedo, José Paiva, Lúcia  
Almeida Matos, Luís Pinto  
Nunes, Manuela Sanches  
Ferreira, Marco e/and Clara  
Guinoulhac, Maria José Pereira  
Leite, Milice Ribeiro dos Santos  
e/and Joaquim Seabra, Samuel  
Guimarães, Samuel Silva,  
Sofia Victorino, Sónia Oliveira  
e/and Isabel Koelher da/from  
Biblioteca da Fundação  
de Serralves, Susana Lourenço  
Marques, Teresa Ferraz.

**Apoio aos Programas Públicos**  
Support for the Public  
Programmes

**architoy's**  
architectural toys



**Recursos: uma cartografia de territórios inacabados**

Recursions:  
A Cartography of  
Unfinished Grounds

**Kiluanji Kia Henda**

**Com**  
With  
Flávio Cardoso  
Lilianne Kiame  
Raul Jorge Gourgel

**Curadoria**

Curated by  
Margarida Waco  
e/and  
Kiluanji Kia Henda

**Agradecimentos dos artistas e dos curadores**

Acknowledgements  
from the artist and the curators  
Francisca Bagulho,  
Nuno Soares e/and  
Rodrigo Gonçalves  
aka Dedo Mau

**Apoio**

Support  
 Forward  
Art  
Stories

**Estado de espírito**

State of Sprit

Mariana Caló  
e/and  
Francisco Queimadela

**Curadoria**

Curated by  
João Laia

**Texto**

Text  
Rita Anuar

**Agradecimentos**

Acknowledgements  
Pedro André  
Susana Ventura  
André Cepeda  
Organizações dos Galheiros de  
Fradelos, Sapogal e Ferreirinhos  
Leonel Alves  
Leonor Lorret  
Leonor Ventura  
Jaime Silvestre  
Hélio Caló  
Gabriela Pereira  
António Queimadela  
Filipa Ramos  
Rita Anuar  
CACE  
Luís Silva  
João Mourão  
Nuno Faria  
Ricardo Nicolau  
Lurdes Sá Lopes  
Joaquim Marques

**Os artistas são**

**apoiados pela**  
The artists are  
supported by  
Fundação Calouste Gulbenkian  
e/and Direção Geral das Artes.

**A inauguração das exposições contou com o gentil apoio de**  
The exhibitions' opening was kindly supported by



GALERIA MUNICIPAL DO PORTO	COLABORAÇÕES COLLABORATIONS	DIREÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA CONTEMPORARY ART DIRECTION	CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
<b>Direção Artística</b> Artistic Direction João Laia	<b>Design e Identidade Visual</b> Design and Visual Identity Oscar Maia	<b>Carlos Lopes (Técn. de instalação / Installation tec. GMP) Clara Saracho (Ass. de Produção / Production Ass. GMP) Cláudia Almeida (Ass. de Direção / Direction Ass.) Diana dos Reis (Comunicação / Communication) Diana Geiroto (Gestora de Proj. / Proj. Manager Pláka/Fonoteca) Hernâni Baptista (Comunicação / Communication) Isabeli Santiago (Curadora Assistente / Curatorial Ass. GMP) João Laia (Diretor Artístico / Artistic Director) João Ramos (Ass. de Sala / Room Ass. GMP) João Terras (Coord. de Programação e Curadoria / Head of Programmes and Curator) Juliâna Campos (Ass. Administrativa / Administrative Ass. GMP) Matilde Seabra (Coord. do Proj. Educativo / Learning Programme Coord. GMP) Miguel Loureiro (Técn. Multidisciplinar GMP / Multidisciplinary Tech. GMP) Nuno Rodrigues (Coord. de Prog. / Progr. Coord. Pláka/ Fonoteca) Patrícia Coelho (Curadora Assistente / Curatorial Ass. GMP) Patrícia Vaz (Coord. de Produção / Production Coord. GMP) Paulo Coelho (Coord. Técnico / Technical Coord. GMP) Pedro Galante (Proj. Educativo / Learning Programme GMP) Rui Braga (Frente de Casa e Relações Públicas / Front of House and Public Relations GMP) Sílvia Fernandes (Diretora Executiva / Executive Director) Tiago Dias dos Santos (Coord. de Comunicação e Ed. / Communication and Ed. Coord.) Vítor Rodrigues (Produtor Executivo / Executive Prod. Pláka/ Fonoteca) Yoan Teixeira (Ass. de Direção Executiva / Executive Dir. Ass.)</b>	<b>Presidente Mayor</b> Pedro Duarte
<b>Direção Executiva</b> Executive Direction Sílvia Fernandes	<b>Fotografia</b> Photography Dinis Santos Sardinha Singela	<b>Ágora — CULTURA E DESPORTO DO PORTO, E.M., S.A.</b>	
<b>Coordenação de Programação e Curadoria</b> Head of Programmes and Curator João Terras	<b>Produção de Vídeo</b> Video Production Papagaio Loiro a-tundra	<b>Presidente do Conselho de Administração</b> Chairman of Board of Directors Catarina Araújo	
<b>Coordenação de Produção</b> Production Coordinator Patrícia Vaz	<b>Tradução</b> Translation Auditaccount	<b>Conselho de Administração</b> Boards of Directors César Navio Ester Gomes da Silva	
<b>Comunicação</b> Communication Tiago Dias dos Santos (Coord.) Diana Reis Hernâni Baptista	<b>Programação Web</b> Web Development Webprodz	<b>Secretariado da Administração</b> Secretariat Hélder Roque Liliana Santos	
<b>Coordenação Técnica</b> Technical Coordinator Paulo Coelho		<b>DPO</b> Filipa Faria	
<b>Programas Públicos</b> Public Programmes Matilde Seabra (Coord.) Pedro Galante		<b>Diretora de Gestão de Pessoas, Organização e Sistemas de Informação</b> Director of People Management, Organisation and Information Systems Sónia Cerqueira	
<b>Frente de Casa e Relações Públicas</b> Front of House and Public Relations Rui Braga		<b>Diretor de Serviços Jurídicos e de Contratação</b> Diretor of Legal Services and Contracting Sérgio Caldas	
<b>Curadoras Assistentes</b> Assistant Curators Isabeli Santiago Patrícia Coelho		<b>Diretora Financeira</b> Financial Director Rute Coutinho	
<b>Assistência à Produção</b> Production Assistant Clara Saracho		<b>Diretor de Comunicação e Imagem</b> Director of Communication and Image Bruno Malveira	
<b>Instalação e Apoio à Montagem</b> Installation and Setup Support Carlos Lopes Miguel Loureiro			
<b>Assistência de sala</b> Room Assistance João Ramos			
<b>Assistência Administrativa</b> Administrative Assistance Juliana Campos			



### **Visitas Guiadas/Guided Tours**

**06.12.2025 + 03.01.2026 + 07.02.2026** (sáb/Sat) 15:00 PT/16:00 EN

Visitas para escolas e grupos organizados por marcação  
(terça a sexta-feira), através de email.  
Visits for schools and organised groups by appointment  
(Tuesday to Friday), via email.

**Terça – Domingo** Tuesday – Sunday

**10:00 – 18:00**

**Entrada gratuita** Free admission

**Galeria Municipal do Porto**  
**Rua D. Manuel II (Jardins do Palácio de Cristal)**  
**4050-346 Porto**

**FB/IG:** @galeriamunicipaldporto

**+351 225 073 305**

**[galeriamunicipal@agoraporto.pt](mailto:galeriamunicipal@agoraporto.pt)**

**GALERIA  
MUNICIPAL  
DO PORTO**

**[www.galeriamunicipaldporto.pt](http://www.galeriamunicipaldporto.pt)**

**Porto.**